

Diálogos nas cortes antigas

*Vencedor do Prêmio da SBTHH
Categoria: História da Historiografia Geral - Monografia*



Copyright © 2024, Antonio Passos Rodrigues Carreira.

Copyright © 2024, Editora Milfontes.

Av. Eldes Scherrer Souza, 2162, Loja 205AB, Colina de Laranjeiras, Serra, ES, 29167-080

Compra direta e fale conosco: <https://editoramilfontes.com.br>

comercial@editoramilfontes.com.br

Brasil

Editor Chefe

Prof. Dr. Bruno César Nascimento

Conselho Editorial

Cadernos de História e Historiografia:

Prof. Dr. Alexandre de Sá Avelar (UFU) - Prof. Dr. Arthur Lima de Ávila (UFRGS) - Prof. Dr. Cristiano P. Alencar Arrais (UFG) - Prof. Dr. Diogo da Silva Roiz (UEMS) - Prof. Dr. Eurico José Gomes Dias (Universidade do Porto) - Prof. Dr. Fábio Franzini (UNIFESP) - Prof. Dr. Hans Ulrich Gumbrecht (Stanford University) - Prof^a. Dr^a. Helena Miranda Mollo (UFOP) - Prof. Dr. Júlio Bentivoglio (UFES) - Prof. Dr. Jurandir Malerba (UFRGS) - Prof^{ts}. Dr^a. Karina Anhezini (UNESP - Franca) - Prof. Dr. Marcelo de Mello Rangel (UFOP) - Prof^{ts}. Dr^a. Rebeca Gontijo (UFRRJ) - Prof. Dr. Ricardo Marques de Mello (UNESPAR) - Prof. Dr. Thiago Lima Nicodemo (UNICAMP) - Prof. Dr. Valdei Lopes de Araujo (UFOP) - Prof^a. Dr^a Verónica Tozzi (Universidad de Buenos Aires)

Sociedade Brasileira de Teoria e História da Historiografia - SBTHH (2021-2024)

Presidente: Prof^{ts}. Dr^a. Karina Anhezini (UNESP)

Diretor de publicações: Prof. Dr. Fábio Franzini (Unifesp)

Conselho Editorial

Cadernos de História e Historiografia:

Alexandre Avelar (UFU) - Beatriz Vieira (UERJ) - Carlos Fico (UFRJ) - Cássio Fernandes (UNIFESP) - Durval Muniz de Albuquerque Júnior (UFRN) - Estevão de Rezende Martins (UnB) - Hans Ulrich Gumbrecht (Stanford University) - Helena Mollo (UFOP) - Henrique Estrada Rodrigues (PUC-Rio) - João Paulo G. Pimenta (USP) - Julio Bentivoglio (UFES) - Lucia Maria Paschoal Guimarães (UERJ) - Luiz Costa Lima (PUC-Rio) - Mara Cristina Rodrigues (UFRGS) - Marcelo Gantus Jasmin (PUC-Rio) - Marcia de Almeida Gonçalves (UERJ) - Maria da Glória de Oliveira (UFRRJ) - Pedro Spinola Pereira Caldas (UNIRIO) - Sérgio da Mata (UFOP) - Temístocles Cezar (UFRGS) - Valdei Lopes de Araujo (UFOP)

Antonio Passos Rodrigues Carreira

Diálogos nas cortes antigas:

A recepção maquiaveliana da historiografia clássica

*Vencedor do Prêmio da SBTHH
Categoria: História da Historiografia Geral - Monografia*



Editora Milfontes
Serra, 2024



Sociedade Brasileira de Teoria e História da Historiografia
Sociedade Brasileira de Teoria e
História da Historiografia
Mariana, 2024

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação digital) sem a permissão prévia da editora.

Revisão

De responsabilidade exclusiva dos organizadores

Capa

Imagem da capa:

Niccolò Machiavelli (nello studio) - Reprodução a partir de gravura.

Autor:

Stefano Ussi (1822-1901)

Aspectos:

Maria Luiza Fontana Nascimento

Projeto Gráfico e Editoração

Bruno César Nascimento

Impressão e Acabamento

Maxi Gráfica e Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

O87m CARREIRA, Antonio Passos Rodrigues.
Diálogos nas cortes antigas: A recepção maquiaveliana da historiografia clássica/
Antonio Passos Rodrigues Carreira
Serra: Editora Milfontes, 2024.
60 p.: 23 cm.

ISBN: 978-65-5389-098-5

1. Maquiavel 2. Cortes 3. Florença I. Carreira, Antonio Passos Rodrigues
II. Título.

CDD 945.0



Resultados do Concurso de Teses, Dissertações e Monografias 2022

Subárea: Teoria da História

Tese: A perenidade de uma questão: vínculos entre história, tempo e identidade no Brasil e no México, de Mauro Franco Neto (UFOP – orientador: Marcelo de Mello Rangel)

Menção honrosa: O brilho de mil sóis: história, memória e esquecimento sobre a bomba atômica no Japão e nos Estados Unidos, de Mario Marcello Neto (UFRGS – orientador: Arthur Lima de Ávila)

Dissertação: Tempo, Representação e Justiça: limites para uma historiografia do Holocausto, de Fernando Gomes Garcia (UFRGS – orientador: Arthur Lima de Ávila)

Monografia: não houve trabalho indicado

Subárea: História da Historiografia Geral

Tese: A liberdade do pensamento: estudo sobre o fundo místico da história de Alexandre Koyré, de Hallhane Machado (UFG – orientador: Marlon Salomon)

Dissertação: François Simiand contra a “história historizante”: análise de uma desavença (1898-1914), de Robson Bertasso (UFPR – orientador: Rafael Benthien, coorientado por Miguel Palmeira – USP)

Monografia: Diálogos nas cortes antigas: a recepção maquiaveliana da historiografia clássica, de Antonio Passos Rodrigues Carreira (PUC-Rio – orientador: Eduardo Wright Cardoso)

Subárea: História da Historiografia Brasileira

Tese: Tensões e conciliações: a escrita da história local e o Instituto Histórico da Câmara Municipal de Duque de Caxias (1971-2008), de Eliana Santos da Silva Laurentino (FFP-Uerj – orientador: Rui Aniceto Nascimento Fernandes)

Dissertação: Uma revolução em tempo inoportuno: figurações do tempo histórico nacional na História da Revolução de Pernambuco em 1817, de Francisco Muniz Tavares, de Lucas dos Santos Silva (PUC-Rio – orientador: Eduardo Wright Cardoso)

Agradecimentos

Primeiramente, gostaria de agradecer à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e ao Departamento de História pelo ensino e meu aprendizado durante toda a graduação.

Esta pesquisa foi beneficiada pelos auxílios do CNPq através do PIBIC, que me permitiram desenvolver meus estudos mais plenamente.

Agradeço ao meu orientador Eduardo Wright Cardoso, pelas correções, comentários e observações. Ao longo de dois anos me providenciou, de modo atencioso e generoso, uma autonomia e uma base segura para a resolução das incertezas e desafios deste trabalho.

Meus agradecimentos também se dirigem ao professor Henrique Estrada, por ter aceitado ser o leitor crítica desta investigação.

Gostaria de agradecer a todos os participantes do grupo de estudos “Limites do tempo”, organizado por Eduardo Wright Cardoso e pela professora Naiara Damas, e aos laços que construí nos últimos anos, principalmente minha relação com Tomás Bartholo, que me ajudou amplamente e com quem experienciei diversos momentos de amizade.

Também agradeço aos meus colegas do curso e meus amigos Ana Clara, Ana Júlia, Anna Elisa, Gisele, Marceu, Matheus e Nina pelo companheirismo.

Por fim, agradeço aos meus familiares, especialmente meus pais, Renato e Vivian, e minha irmã, Isabel Carreira. Atribuo grande parte da responsabilidade do término de minha formação e desta pesquisa ao apoio, à lealdade e aos incentivos que vocês me oferecem.

Sumário

Introdução.....	11
I. A crítica aos antecessores: Maquiavel em diálogo com os preceitos retóricos da historiografia antiga.....	15
A retórica e a historiografia antiga	16
A recuperação humanista da historiografia antiga	18
A crítica de Maquiavel no Proêmio da <i>História de Florença</i>	20
II. O <i>éthos</i> do historiador: a tentativa maquiaveliana de garantir a aprovação de sua autoridade e credibilidade	25
O <i>éthos</i> na historiografia antiga.....	26
O <i>éthos</i> no Renascimento.....	32
O <i>éthos</i> em Maquiavel.....	33
III. Os discursos na <i>História de Florença</i> : as funções das palavras dos personagens históricos.....	37
Os discursos na historiografia antiga	38
Os discursos no Renascimento.....	41
Os discursos em Maquiavel	42
Conclusão	55
Referências	57

Introdução

Chegada à noite, retorno para casa e entro no meu escritório; [...] penetro as antigas cortes dos homens do passado, onde, por eles recebido amavelmente, nutro-me daquele alimento que é unicamente meu, para o qual eu nasci; não me envergonho ao falar com eles e perguntar-lhes as razões de suas ações. Eles, por sua humanidade, me respondem, e eu [...] anotei aquilo de que, por sua conversação, fiz capital e compus um opúsculo.

Maquiavel.

Na carta de 10 de dezembro de 1513 dirigida a Francesco Vettori, Nicolau Maquiavel (1469-1527) desenha uma cena na qual lança perguntas aos homens antigos e obtém respostas. Essa descrição de conversas funciona como uma metáfora para as leituras e os aprendizados decorrentes ao processo de composição d’*O príncipe*. No caso desse tratado, a leitura lhe permite fazer viagens imaginárias ao mundo clássico, onde pôde interrogar figuras históricas acerca dos motivos de seus atos políticos e, conseqüentemente, juntar uma coletânea de saberes de um tipo específico, vinculado a como agir na vida pública.

Nesta monografia utilizo tal metáfora de conversas nas “antigas cortes” como uma representação da leitura dos autores clássicos. Porém, enquanto na carta Maquiavel refere-se ao aprendizado de um saber político, busco outro tipo de saber que ele

adquiriu a partir de suas leituras: como escrever história. A minha proposta é investigar a historiografia maquiaveliana na *História de Florença* atentando-me à sua relação com os procedimentos definidos na Antiguidade a respeito da produção de uma obra histórica. Ou seja, o objetivo é analisar a recepção de Maquiavel aos princípios que, na Antiguidade (e no Renascimento), orientaram o ofício de narrar os eventos passados, e a aplicação deles em sua obra. Contudo, meu foco será particularmente direcionado aos preceitos retóricos dessa tradição. Assim, entre minhas fontes incluo historiadores, filósofos e retores do mundo antigo, além de humanistas do Renascimento.

Embora *O príncipe* e os *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio* – minhas fontes secundárias – contenham relatos históricos, a única obra historiográfica de Maquiavel é a *História de Florença*, originalmente *Istorie Fiorentine* (1521-1525), escrita por encomenda de Giulio de Medici, o futuro papa Clemente VII.¹ Segundo Felipe Charbel Teixeira, desde meados do século XX os comentadores geralmente reconhecem o caráter convencional e retórico da *Istorie*, porém, enquanto alguns deles apontam as suas características inéditas, outros destacam as continuidades com o modelo clássico. A mesma discussão é perceptível nas pesquisas relativas aos humanistas do século XV, como Leonardo Bruni e Poggio Bracciolini, que compuseram histórias florentinas antes de Maquiavel. Teixeira opõe-se aos estudos que consideram o livro maquiaveliano uma tentativa de ruptura com o modelo historiográfico quatrocentista, pois advém de uma dicotomia simplista entre “adesão plena e rejeição total dos cânones”.²

A minha análise da *História de Florença* alinha-se mais às pesquisas voltadas a aproximá-la da historiografia antiga ao invés de defini-la uma descontinuidade completa em relação aos modelos vigentes. É crucial opor-se àquela dicotomia mencionada por Teixeira, pois a ideia de “adesão plena” é incompatível com o conceito

1 TEIXEIRA, Felipe Charbel. *Timoneiros: retórica, prudência e história em Maquiavel e Guicciardini*. Campinas: Ed. Unicamp, 2010, p. 190-192.

2 *Ibidem*, p. 186-192.

de imitação, central na Antiguidade. Defendo que a relação da obra maquiaveliana com a historiografia clássica pode ser compreendida mediante o conceito de “*mimesis*” operado por John Marincola. Os autores greco-romanos frequentemente procuravam imitar um grande predecessor para, assim, aprender a lidar com os desafios da escrita. A boa imitação, entretanto, não se resumia à simples cópia, e sim a aplicar criativamente os preceitos já estabelecidos pelos antecessores, inovando dentro de uma tradição sem abandonar suas melhores características.³ Aliás, o próprio conceito de imitação em Maquiavel se refere a um tipo de “cópia ativa”.⁴

A monografia está dividida em três capítulos organizados na mesma estrutura diacrônica:

- 1) diálogos antigos entre história e retórica;
- 2) as apropriações renascentistas;
- 3) e as particularidades de Maquiavel.

No capítulo inicial analiso as críticas a Bruni e Poggio no Proêmio da *Istorie*. Demonstrarei que o desacordo maquiaveliano com os antecessores se fundamenta não em uma nova concepção de escrita da história, mas sim nos mesmos princípios dos modelos antigos e humanistas. No segundo capítulo analiso o mesmo trecho, porém, articulando-o com a Dedicatória da obra e partindo do conceito grego de *éthos*, referente à “*disposicion, character*” ou “*delineation of character*”.⁵ Trata-se de uma técnica retórica empregada pelos historiadores antigos para garantir a aprovação de sua autoridade.⁶ Defendo que o caráter reivindicado por Maquiavel foi escolhido à luz de seu relacionamento tenso com os Medici. No

3 MARINCOLA, John. *Authority and tradition in ancient historiography*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 12-14.

4 MÉNISSIER, Thierry. *Vocabulário de Maquiavel*. São Paulo: Martins Fontes, 2012, p. 35.

5 LIDEEL, Henry George; SCOTT, Robert. *A Greek-English Lexicon*. Oxford: Oxford University Press, 1996, p. 776.

6 Este sentido de autoridade, porém, diferente do conceito maquiaveliano, que designa um poder reconhecido sem o uso de persuasão ou força (MÉNISSIER, Thierry. *Vocabulário de Maquiavel... Op. cit.*, p. 11). Para mais ver: MARINCOLA, John. *Authority and tradition in ancient historiography... Op. cit.*, p. 1.

terceiro capítulo direciono minha atenção aos discursos dos personagens, com destaque àqueles pronunciados durante o período de protagonismo daquela família na história florentina. Investigo o papel retórico assumido pelas orações na narrativa. Minha hipótese é que o autor as escreve de modo a comprovar as alegações de seu *éthos* e como veículo de sua abordagem singular dos gêneros retóricos deliberativo e epidíctico.

I.

A crítica aos antecessores: Maquiavel em diálogo com os preceitos retóricos da historiografia antiga

Neste capítulo faço uma análise da conexão entre os preceitos retóricos da historiografia antiga, amplamente influentes no humanismo renascentista, e a crítica aos predecessores Bruni e Poggio no Proêmio da *História de Florença*. Dirigindo-se ao papa, Maquiavel diz que, primeiramente, seu objetivo era começar o relato em 1434, quando os Medici, seus patronos, se tornaram a família florentina de maior “autoridade”.⁷ O recorte original, porém, foi alargado para incluir “vários séculos”, iniciando no fim do Império Romano. O secretário justifica tal mudança explicando que, embora Bruni e Poggio narraram “com particularidades” as guerras travadas entre florentinos e estrangeiros até aquele ano, a descrição das “inimizades internas” foi insuficiente.⁸ Essa passagem é frequentemente citada nas interpretações da *Istorie* e a maioria dos comentadores interpretam-na “como uma crítica direta à ‘historiografia humanista’”, mas Teixeira desaprova essa tese, pois a crítica de Maquiavel seria somente direcionada à abordagem inadequada da discórdia civil.⁹

⁷ MAQUIAVEL, Nicolau. *História de Florença*. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 3-4.

⁸ *Ibidem*, p. 7.

⁹ TEIXEIRA, Felipe Charbel. *Timoneiros... Op. cit.*, p. 194

Pela minha análise, concordo com Teixeira e parto da hipótese de que Maquiavel fundamenta sua divergência aos antecessores mediante os preceitos da tradição clássica recuperada pelos humanistas. Portanto, antes de investigar a *História de Florença*, é necessário apontar os fundamentos do modelo historiográfico greco-romano e sua reapropriação na Itália renascentista.

A retórica e a historiografia antiga

Um tópico central da historiografia antiga é definir como *grande* todos os feitos que merecem ser imortalizados.¹⁰ Tucídides assim definiu a Guerra do Peloponeso, supostamente “mais importante” que todas as outras já ocorridas. Por isso, opõe-se aos poetas fabulosos que, ao privilegiarem o prazer à verdade, amplificaram a grandeza de eventos passados. Ele, contrariamente, compôs uma narrativa sem fábulas, a condição para torná-la um “*patrimônio sempre útil*” aos leitores futuros.¹¹ Ou seja, o deleite contrapõe-se ao verídico, à utilidade e à grandeza. Essas duas últimas categorias se entrelaçam na obra, porque, conforme nota François Hartog, o ateniense julga sua obra útil devido a grande proporção do conflito, de exemplaridade sem precedentes.¹²

Tucídides recebeu aceitação ampla no mundo clássico, chegando a ser considerado o modelo de historiador verdadeiro por definir a história política do presente como a única importante. Sua abordagem historiográfica foi valorizada por autores gregos e romanos, incluindo retores.¹³ No diálogo *Do orador* (55 a.C.), Cícero enaltece o estilo conciso de Tucídides e similarmente enxerga na verdade “a primeira lei da história”. A grande diferença entre eles é que o filósofo romano entende a historiografia como

10 ARENDT, Hannah. O conceito de história - antigo e moderno. In.: ARENDT, Hannah. *Entre o Passado e o Futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2016, p. 77.

11 TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001, p. 14-15.

12 HARTOG, François. *Evidência da história: o que os historiadores veem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017, p. 63.

13 MOMIGLIANO, Arnaldo. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. São Paulo: Unesp, 2019, p. 80-84.

um gênero retórico. Os “preceitos dos retores” são os mesmos que devem orientar a exposição dos “feitos grandiosos e memoráveis” numa narrativa histórica, cuja finalidade é ser “mestra da vida”,¹⁴ isto é, possuir uma utilidade exemplar pedagógica. A noção de concisão empregada para elogiar a *História da Guerra do Peloponeso* refere-se ao recurso estilístico da “brevidade” (*brevitas*), definido pelo autor desconhecido da *Retórica a Herênio* (final da década de 80 a.C.) enquanto um meio de “narrarmos resumida e não detalhadamente”.¹⁵

Assim como a história retoricizada de Cícero, a *Retórica* aristotélica (século IV a.C.) nos permite compreender os vínculos existentes na Antiguidade entre historiografia e retórica. Este saber, segundo Aristóteles, divide-se em três gêneros, cada um com finalidades próprias: o deliberativo lida com o aconselhamento do “conveniente”; já o judiciário é centrado na “acusação” da injustiça ou na “defesa” da injustiça; por fim, o epidíctico trabalha com o “elogio” do “belo” e a “censura” do “feio”.¹⁶ O filósofo macedônio ainda define os recursos argumentativos mais apropriados a cada gênero: os louvores empregam a “amplificação” da “grandeza”, enquanto os conselhos servem-se dos “exemplos, [...], pois é com base no passado que adivinhamos e julgamos o futuro”.¹⁷ Porém, há duas categorias distintas de exemplificação: a fábula inventada pelo orador e a referência a eventos pretéritos. Este segundo tipo é o mais adequado a “deliberações públicas”.¹⁸ Portanto, as sugestões aristotélicas, ciceronianas e tucidideanas compartilham a noção de que histórias verdadeiras são exemplares e úteis. Afora esta semelhança com a retórica deliberativa, a historiografia se aproxima do gênero epidíctico devido à noção de *grandeza*, embora Tucídides recuse os artifícios da *amplificação*.

14 CÍCERO, M. T. *Do orador*. Tradução de Adriano Scatolin. São Paulo: USP. Tese em Letras Clássicas, 2009, p. 201-206.

15 Autor desconhecido. *Retórica a Herênio*. Trad. Adriana Seabra, Ana Paula Celestino Faria. São Paulo, Hedra, 2005, p. 67.

16 ARISTÓTELES. *Retórica*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005, p. 104-106.

17 *Ibidem*, p. 130.

18 *Ibidem*, p. 206-208.

Em *Como se deve escrever a história* (século II d.C.), Luciano de Samósata censura os historiadores que exageram nos elogios por seguirem as regras do encômio, um gênero voltado ao louvor e mais preocupado com o agrado do que com a verdade. Entretanto, para o escritor sírio, quando empregados apropriadamente, o elogio e o prazer até são toleráveis em obras historiográficas, embora estejam longe de definir sua tarefa: compor um relato verídico e aproveitável. Mesmo que a tentativa de deleitar seja válida, dela se exige a ausência de mentiras e encômios. Estes, inclusive, podem gerar descontentamento, “sobretudo se contêm exageros fora da medida”. O autor apresenta outros modos de tornar a história agradável, desta vez mais compatíveis com a verdade,¹⁹ como, por exemplo, descrevendo as batalhas de modo a elevar sua grandeza. Outro preceito luciânico indica em quais casos cabe ou não empregar o recurso estilístico da *brevitas*: o relato dos eventos de pouca relevância deve ser mais rápido e menos detalhado do que a narração de feitos grandiosos. Luciano, porém, diverge de Cícero ao separar historiadores e oradores.²⁰

Portanto, apesar de algumas discordâncias entre os autores, pode-se reunir vários princípios que envolvem a teorização e a escrita da história no mundo antigo. Destaco as relações entre a grandeza, a utilidade e o exemplo; as tensões entre verdade histórica, elogio e deleite; os contatos entre o discurso dos historiadores e as retóricas deliberativa e epidíctica; por fim, o emprego adequado de recursos estilísticos, como a *brevitas*. Todos esses são elementos-chave no Renascimento italiano.

A recuperação humanista da historiografia antiga

No cerne da redescoberta de autores clássicos nos séculos XIV e XV encontramos homens de letras que permitiram o retorno da tradição grega, tais quais Bruni e Lorenzo Valla, tradutor de Tucídides ao latim. Nesse cenário, a *Retórica* aristotélica,

¹⁹ LUCIANO. *Como se deve escrever a história*. Trad. Jacyntho L. Brandão. Belo Horizonte: Tessitura, 2009, p. 39-45.

²⁰ *Ibidem*, p. 73-79.

a *Instituição Oratória* de Quintiliano (final do século I d.C.), e as reflexões de Cícero conquistaram grandes espaços de valorização. A noção de história pedagógica teve ampla divulgação no Renascimento em decorrência da noção ciceroniana de submeter esse campo literário à retórica. O sírio Luciano também recebeu ampla autoridade devido a sua concepção de história política, verdadeira, instrutiva e que se afasta do encômio, embora as primeiras teorizações humanistas aproximaram a historiografia da oratória epidíctica. Gabriella Albanese aponta a importância nesta conjuntura dos intelectuais da corte aragonesa de Nápoles encarregados de concretizar o projeto estatal de celebrar a história do principado. Entre eles destacaram-se Valla e Giovanni Pontano, cujo *Actius* (1499) “constitui o único tratado sistemático” da historiografia humanista.²¹

Pontano vincula a história às retóricas epidíctica e deliberativa: sua função é ser útil, ensinar, deleitar, censurar vícios e elogiar virtudes, amplificando ou diminuindo o objeto quando necessário. A narrativa deve limitar-se à verdade e preservar a memória dos feitos pretéritos à posterioridade.²² O autor aconselha o recurso da brevidade (“*brevitas*”), visto como o mais adequado ao ensino, ao prazer e à comoção. Para ele, cabe ao historiador privilegiar o verdadeiro ao falso, censurando e louvando apropriadamente,²³ e comportar-se como um professor, pois a história é um guia da vida.²⁴

Portanto, os preceitos epidícticos e deliberativos são basilares na historiografia desenvolvida pelos humanistas do *Quattrocento*.²⁵ Esta centralidade encontra-se em Pontano e no Proêmio da *História do povo florentino* de Bruni, que promete celebrar ações

21 ALBANESE, Gabriella. A descoberta dos historiadores antigos no Humanismo e o nascimento da historiografia moderna: Valla, Facio e Pontano na corte napolitana dos reis de Aragão. In.: PIRES, Francisco Murari (org.). *Antigos e modernos: diálogos sobre a (escrita da) história*. São Paulo: Alameda, 2009, p. 277-301.

22 PONTANO, Giovanni. *Dialogues*. v. II. Trad. e edit. Julia Haig Gaisser. Cambridge: Harvard University Press, 2020, p. 197-207.

23 *Ibidem*, p. 245-253.

24 *Ibidem*, p. 303.

25 TEIXEIRA, Felipe Charbel. *Timoneiros... Op. cit.*, p. 21.

grandiosas realizadas na paz e na guerra, e, mediante elas, ensinar quais comportamentos devem ser imitados ou evitados, inspirando a realização de feitos virtuosos.²⁶ A obra alcançou um grande prestígio em Florença por ilustrar a liberdade republicana da cidade, e serviu de referência à Poggio Bracciolini, cuja *Historia Fiorentina* continuou a narrativa bruniana. Além da leitura de ambos os livros, Maquiavel provavelmente conhecia os debates renascentistas sobre a escrita da história. Apesar do modelo humanista se assentar nas autoridades clássicas, seria um erro descrevê-lo como uma simples repetição da historiografia antiga.²⁷ Aqui é importante relembrar o conceito de *mimesis* em Marincola: imitar não significa cópia, mas sim reapropriação criativa.

A crítica de Maquiavel no Proêmio da *História de Florença*

Teixeira opõe-se a autores que separam o formato retórico do conteúdo da *História de Florença* maquiaveliana – caso de Felix Gilbert – ou que interpretam a crítica à Bruni e Poggio como uma ruptura em relação ao modelo renascentista de escrita da história.²⁸ Quentin Skinner aproxima-se destas leituras rejeitadas, argumentando que, devido ao seu aspecto encomiástico reduzido, a obra de Maquiavel realiza uma “inversão completa” das normas historiográficas vigentes.²⁹

Embora no Proêmio Maquiavel já anuncie que tecerá louvores individuais às virtudes dos Medici – como “a bondade de Giovanni” ou “a sabedoria de Cosimo”³⁰ –, decerto, a principal característica da *Istorie* não é o encômio. Porém, seu leve afastamento do elogio e sua crítica aos predecessores fundamentam-se nas mesmas regras historiográficas propostas no mundo clássico e

26 BRUNI, Leonardo. *History of the Florentine people*. v. 1. Trad. e edit. James Hankins. Cambridge: Harvard University Press, 2001, p. 3.

27 TEIXEIRA, Felipe Charbel. *Timoneiros...* *Op. cit.*, p. 177-184.

28 *Ibidem*, p. 189-192.

29 SKINNER, Quentin. *Maquiavel*. Porto Alegre: L&PM, 2010, p. 110-111.

30 MAQUIAVEL, Nicolau. *História de Florença...* *Op. cit.*, p. 4.

aceitas pelos humanistas. A respeito dos conflitos internos, Bruni e Poggio “calaram de todo uma parte e descreveram a outra com tanta brevidade que nela os leitores não podem encontrar utilidade nem prazer algum”. Na avaliação maquiaveliana:

assim fizeram por acharem que aquelas ações eram tão pouco importantes que as consideraram indignas de entrar para a memória das letras, ou então porque temiam ofender os descendentes daqueles que, naquelas narrativas, se houvesse de caluniar. [...] na história, se alguma coisa há que deleite ou ensine, é a descrição em particularidades, e, se alguma lição há que seja útil aos cidadãos que governam as repúblicas, é aquela que demonstra os motivos dos ódios e das divisões das cidades, para que, diante do perigo em que incorreram outros, eles possam ganhar sabedoria e manter-se unidos.³¹

Esse trecho evidencia que Maquiavel censura seus antecessores por empregarem o recurso da *brevitas* inadequadamente, visto que as discórdias civis são eventos grandiosos e dignos de memorização, e, por isso, devem ser narrados de modo a privilegiar as particularidades, pois são as melhores fontes de prazer, sabedoria e utilidade que a história oferece. Sendo assim, a explicação das causas desses acontecimentos negativos ensina os meios de manter a união e inspira tal ato político.

Embora Maquiavel reivindique a capacidade de explicitar como evitar a desunião, no capítulo inicial do Livro VII o secretário afirma a impossibilidade da união, denominando a esperança de sua concretização uma “ilusão”. Porém, apenas algumas divisões prejudicam, enquanto outras beneficiam a república. As “prejudiciais são as que vêm acompanhadas por facções”. Estas sempre marcaram as divisões na história florentina, por isso as discórdias geralmente são danosas à cidade.³² Desta forma, a *História de Florença* não ensina como impedir todos os conflitos internos, pois parte deles é inevitável, mas como evitar uma de suas variações: o *facciosismo*.

31 MAQUIAVEL, Nicolau. *História de Florença...* Op. cit., p. 7-8.

32 *Ibidem*, p. 422-423.

Conforme aponta Teixeira, enquanto o tema central em Bruni é a liberdade inata ao povo de Florença, o relato maquiaveliano tem como fio condutor o facciosismo.³³ De acordo com a *Istorie*, em 1080 a península itálica dividiu-se entre duas facções: os guelfos, seguidores da Igreja Católica, e os gibelinos, seguidores do Sacro-Império Romano-Germânico. Os florentinos “se mantiveram unidos até 1215”, porém, a partir de então, foram intensamente atormentados pela inimizade entre esses grupos.³⁴ A permanência do facciosismo na pátria de Maquiavel e a amplitude de seus efeitos destrutivos são anunciadas no Proêmio: “tais divisões tiveram origens tantas mortes, tantos exílios, tantas destruições de famílias, como nunca ocorreu em nenhuma cidade de que se tenha memória”. Atentando-se à relevância das inimizades internas, o secretário admite não compreender “qual a razão de não serem tais divisões dignas de descrição particularizada”. Enquanto os eventos grandiosos são dignos de relato detalhado, outros são apropriados ao recurso da concisão por serem menores, então, o Livro I da *História de Florença* “contará brevemente todos os acontecimentos da Itália desde a queda do Império Romano até 1434”.³⁵ Somando à mobilização dos princípios da *grandeza* e da *brevitas*, Maquiavel reproduz a noção luciânica de que a verdade histórica tolera conviver com o deleite apesar de uma tensão inevitável. Na Dedicatória, diz empenhar-se em “não maculando a verdade, satisfazer a todos; mas talvez não venha a satisfazer ninguém”, já que é “impossível deixar de ofender a muitos quando descrevemos as coisas dos seus tempos”.³⁶ A tentativa do secretário de deleitar seu público não recorre ao falso e nem precisaria, dado que a narração das particularidades dos conflitos internos em si já atinge esse objetivo. O propósito maquiaveliano de agradar se une à utilidade da obra, e tal unidade está de acordo com o dever triplo do orador postulado por Quintiliano: “ensinar,

33 TEIXEIRA, Felipe Charbel. *Timoneiros... Op. cit.*, p. 196.

34 MAQUIAVEL, Nicolau. *História de Florença... Op. cit.*, p. 80.

35 *Ibidem*, p. 8-10.

36 *Ibidem*, p. 5.

comover e divertir”,³⁷ uma das autoridades antigas familiares à Maquiavel junto de Cícero.³⁸

As fontes do contato de Maquiavel com preceitos retóricos da escrita historiográfica eram tanto antigas quanto humanistas. Na leitura de Felix Gilbert, o secretário se viu constrangido e obrigado a seguir tais convenções pré-estabelecidas.³⁹ Neste capítulo busquei demonstrar que, ao contrário da interpretação deste comentador moderno, o autor da *Istorie* realiza uma crítica a seus antecessores em defesa de princípios que realmente considerava adequados para cumprir a função da história. O objetivo do livro é estimular – por meio de narração particularizada, prazerosa e verdadeira – seus concidadãos a evitar os conflitos facciosos e instruí-los a agir de modo a impedir que esses eventos grandiosos voltem a acontecer no futuro. Portanto, enquanto Leonardo Bruni, conforme já dito, focou nas regras do encômio, pois sua ênfase é na liberdade florentina, nota-se em Maquiavel uma afinidade maior com o elemento epidíctico da censura e com a retórica deliberativa. No caso da narrativa maquiaveliana, o vitupério se dirige majoritariamente às discórdias civis produzidas pela dinâmica do facciosismo em Florença.

37 QUINTILIANO, Marcos Fábio. *Instituição oratória*. T. III e IV. Trad. Bruno Fregni Basseto. Campinas: Unicamp, 2016, p. 193.

38 VIROLI, Maurizio. The power of words. In.: VIROLI, Maurizio. *Machiavelli*. Oxford: Oxford University Press, 1998, p. 73-76.

39 GILBERT, Felix. *Machiavelli and Guicciardini: politics and history in sixteenth-century Florence*. Princeton: Princeton University Press, 1965, p. 239.

II.

O *éthos* do historiador: a tentativa maquiaveliana de garantir a aprovação de sua autoridade e credibilidade

No primeiro capítulo desta monografia empreendi uma investigação sobre a crítica de Maquiavel, no Proêmio da *História de Florença*, ao tratamento dos antecessores a respeito dos conflitos internos. Em oposição aos comentadores contemporâneos que a consideram uma ruptura com o modelo humanista, demonstrei a centralidade dos preceitos retóricos da historiografia antiga na abordagem que o secretário apresentou como a mais adequada para cumprir o papel da história. Porém, limitei a pesquisa a um trecho reduzido da crítica maquiaveliana. Neste segundo capítulo analiso-a por completo enquanto atento-me a outros aspectos de sua relação com o caráter retórico da historiografia clássica. A leitura partirá da hipótese de que nessa passagem o autor procura garantir a aprovação de sua autoridade ao construir um caráter favorável segundo as normas do *éthos*, uma técnica retórica frequentemente empregada pelos historiadores antigos.

O *éthos* na historiografia antiga

Para a compreensão dessa prática comum na historiografia antiga, é necessário expor as diferentes reflexões ligadas ao *éthos* presentes em tratados retóricos dos mundos grego e latino. Segundo Aristóteles, a arte retórica fornece três tipos de provas capazes de tornar um discurso mais convincente: o *páthos* abarca o ato de levar os ouvintes a uma disposição emocional específica; o *logos* associa-se à argumentação e demonstração racional; o *éthos*, por sua vez, alude à ação de, discursivamente – e não por opiniões prévias –, provocar no público a “impressão de o orador ser *digno de fé*” devido aos atributos positivos de seu caráter, como, por exemplo, a honestidade.⁴⁰

As proposições aristotélicas foram apropriadas pelos mestres latinos de retórica e, em certos casos, contestadas ou reconfiguradas. Cícero aproxima *páthos* e *éthos* – isto é, a capacidade de “cativar os ouvintes” –, e atribui-lhes maiores efeitos persuasivos em comparação com o *logos*.⁴¹ Este é o menos efetivo porque “os homens julgam muito mais por ódio, amor, desejo, cólera, dor, alegria, esperança, temor, perplexidade ou alguma outra excitação da mente do que pela verdade”. Assim, quem for capaz de manipular as emoções ou as aparências detém as técnicas suficientes à persuasão. Ao contrário de Aristóteles, a abordagem ciceroniana valoriza a importância da reputação prévia na construção do *éthos*, pois o público é cativado mais facilmente se ela existe, ao invés de ser forjada discursivamente. Além de ser essencial “que se aprove o caráter, os costumes, os feitos e a vida” do orador, é útil, “do mesmo modo, que se desaprovem os dos adversários”.⁴²

Assim como em Cícero, em outros casos da tradição retórica latina percebe-se uma aproximação entre o *éthos* e o *páthos*. Na *Retórica a Herênio*, ambos fazem parte da *inventio*, o ato de descobrir quais “coisas verdadeiras ou verossímeis” deixam a causa defendida provável. A “invenção” é indispensável em todas

40 ARISTÓTELES. *Retórica...* Op. cit., p. 160.

41 CÍCERO, M. T. *Do orador...* Op. cit., p. 215-216.

42 *Ibidem*, p. 226-227.

as partes do discurso, inclusive no proêmio, encarregado de conduzir o público a uma “boa disposição de ânimo”. Os melhores ânimos a serem estimulados são a crença na honestidade da causa, a “benevolência” e a “atenção”. Este último pode ser conquistado realizando promessas sobre a grandeza da matéria. Embora o autor desconhecido não empregue o termo grego *éthos*, encontramos similaridades entre ele e o tratamento da “*persona*”. É possível “tornar os ouvintes benevolentes” mediante “nossa pessoa [*persona*]” e “na de nossos adversários”. Provoca-se benevolência com base na própria *persona* “se louvarmos nosso ofício”, e na do adversário levando o público “ao ódio, à indignação e ao desprezo”. A indignação é produzida quando anunciamos que o adversário não age em prol da verdade.⁴³

Para Quintiliano, a função do proêmio é deixar a disposição da audiência favorável, o que se alcança conduzindo-a a ânimos como “benevolência, atenção e docilidade” ou sendo por ela julgado como alguém não motivado por favor e sim “por um grande e honesto motivo”. Também devemos incluir suspeitas em relação ao crédito do adversário.⁴⁴ Na *Instituição oratória* vê-se novamente o conselho para conquistar a atenção mediante um assunto “novo, grande, horrível e passível de se tornar exemplo”.⁴⁵ O autor ainda reproduz aquela aproximação entre *páthos* e *éthos* comum ao mundo romano, definindo-os enquanto duas categorias distintas de emoção. O primeiro traduz-se no latim por “*adfectus*” e indica paixões fortes e violentas impostas ao público; o outro carece de uma tradução adequada na língua latina, mas refere-se às comoções suaves, cujo fim é convencer. Persuadir pelo *éthos* “exige um orador cortês e de bom caráter. Essas qualidades o orador deve comprovar, [...] tendo-as ou fazendo crer que as tem”.⁴⁶

Embora esses autores divirjam entre si em certos pontos, a leitura deles permite a elaboração de um quadro geral do *éthos* na

43 Autor desconhecido. *Retórica a Herênio...* Op. cit., p. 55-61.

44 QUINTILIANO, Marcos Fábio. *Instituição oratória...* Op. cit., p. 19-21.

45 *Ibidem*, p. 33.

46 *Ibidem*, p. 445-451.

retórica antiga. Os elementos mais relevantes são: convencer a audiência de que o orador é digno de crédito devido as suas qualidades favoráveis, enquanto fomenta a desaprovação do adversário pela suspeita de seu caráter; prender a atenção prometendo comentar assuntos grandiosos; manipular as aparências somente pelo discurso ou com o auxílio da reputação prévia; vínculo entre *páthos* e *éthos*; utilidade do proêmio nesse esforço de garantir a fé na sua autoridade. Tais preceitos auxiliaram a prática da escrita da história no mundo clássico e, posteriormente, no Renascimento.

Segundo Marincola, os historiadores antigos julgavam fundamental levar o leitor a conferir autoridade e credibilidade ao seu relato. Uma das estratégias mais adotadas pelos autores gregos e latinos consistia em configurar a percepção de seu caráter alegando dispor de qualificações ligadas a tópicos específicos, especialmente, experiência, esforço e “*fair-mindedness*”, o que abarca tanto imparcialidade quanto uma atitude generosa diante dos predecessores. O espaço mais comum de mobilização desse recurso era o proêmio, onde encontram-se vias explícitas e implícitas para reivindicar um *éthos* favorável.⁴⁷ Na historiografia antiga era central o autor anunciar-se “como herdeiro digno” de seus predecessores a fim de garantir a legitimidade de sua narrativa, e, paradoxalmente, tal prática frequentemente implicava depreciá-los explicitamente.⁴⁸

Algumas reivindicações tucicideanas vinculadas ao *éthos* foram imitadas por historiadores romanos. Destaco duas passagens que tratam da questão do crédito. De modo análogo à técnica retórica de levar o público a desaprovar o caráter dos adversários, Tucídides desmerece a credibilidade de seus antecessores que recorreram à amplificação e daqueles que compuseram obras “mais com a intenção de agradar aos ouvidos que de dizer a verdade”.⁴⁹ Já no discurso fúnebre de Péricles, o autor, por intermédio do

47 MARINCOLA, John. *Authority and tradition in ancient historiography...* Op. cit., p. 128-132.

48 MARQUES, Juliana Bastos. Mecanismos de legitimidade e tradição na historiografia latina. *História Revista*, v. 13, n. 1, p. 142, 2008.

49 TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso...* Op. cit., p. 14.

líder ateniense, defende uma forma de celebração dos mortos baseada em ações, porque talvez o discurso possa ser visto como não verídico. Aqui verifica-se um exemplo de preocupação com o reconhecimento da “credibilidade das palavras do orador”,⁵⁰ que pode ser interpretada como uma referência ao interesse do próprio historiador de provar sua autoridade. Francisco Murari Pires identificou nessa oração o *topos* de um orador “desacreditado por seu público, quer acusado de errar por falta quer, pelo contrário, por excesso laudatório”,⁵¹ isto é, por elogiar insuficiente ou exageradamente. Já na leitura de Marincola, esse trecho tucidideano é a raiz do lugar-comum, reproduzido por Salústio n’A *conjunção de Catilina*, das dificuldades estilísticas que demandam um enorme esforço literário no emprego de palavras apropriadas.⁵²

De fato, em seu prefácio, Salústio indica que é “árduo escrever as gestas”, porque:

- 1) “se devem igualar feitos e ditos”, e
- 2) o leitor talvez atribua inveja ou falsidade ao autor.

O empenho em construir uma narrativa ajustada aos fatos representa um cuidado com a garantia da credibilidade, pois, se a adequação de “feitos e ditos” fracassar, o caráter do historiador será desaprovado. Apesar da historiografia ser uma tarefa laboriosa, o escritor romano, de maneira oposta a Péricles, prefere o discurso aos feitos devido ao cenário político de corrupção em Roma, no qual ele próprio, mesmo desprezando os vícios dos demais, agia ambiciosamente e atormentado “pela fama e pela inveja”.⁵³ Assim, entre o *negotium* (vida pública) e o *otium* (composição da história), aquele seria menos proveitoso ao bem comum.⁵⁴ Ao retirar-se ao ócio, Salústio “teve descanso das muitas misérias e

50 TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso...* Op. cit., p. 108.

51 PIRES, Francisco Murari. A retórica do método (Tucidides 1.22 e II.35). *Revista de História*, n. 138, p. 14, 1998.

52 MARINCOLA, John. *Authority and tradition in ancient historiography...* Op. cit., p. 152.

53 SALÚSTIO. *A conjunção de Catalina*. Trad. Adriano Scatolin. São Paulo: Hedra, 2018, p. 17-18.

54 MARINCOLA, John. *Authority and tradition in ancient historiography...* Op. cit., p. 139.

perigos” e livrou-se das “expectativas, receios, facções da política”. Portanto, logo após negar vários atributos desfavoráveis – inveja, falsidade, ambição por fama, interesses privados, temor –, ele reivindica sua imparcialidade, resultado de seu distanciamento dos negócios públicos. Em sua obra também há a promessa de matéria grandiosa, o que cativa a atenção do público: “concisamente, descreverei a conjuração de Catilina da maneira mais verídica possível, pois considero sobremaneira memorável pela novidade do crime e do perigo”.⁵⁵

Na *História de Roma*, cuja escrita iniciou-se entre 27 a.C. e 25 a.C., Tito Lívio assegura a aprovação de sua autoridade de modo distinto dos casos anteriormente analisados, pois confessa não saber “se valerá a pena relatar toda a história do povo romano a partir das origens da cidade”. Ao contrário dos “novos historiadores que se vangloriam, ou de contribuir no domínio dos fatos [...] ou de ultrapassar, com seu talento literário, a rudeza dos antigos”, o autor apenas alegra-se em contribuir à “celebração” de sua pátria, e diz não se importar “se, em meio a essa multidão de historiadores, meu nome permanecer na obscuridade”. A recompensa que ele busca com seu trabalho “é encontrar nele [...] um esquecimento dos males” de sua época.⁵⁶ Esse prefácio foi inspirado no de Salústio: ambos desvalorizam a experiência política da República Romana tardia. Porém, diferente do autor d’*A conjuração de Catilina*, Tito Lívio recusa-se a afirmar a contribuição de sua narrativa, questiona a validade de seu esforço penoso e esconde suas qualificações. Porém, ao reescrever a história romana desde a origem até o presente em vez de “continuar mais ou menos do ponto onde seu antecessor parou”, ele revela um plano ambicioso contrastante com o suposto caráter humildade de alguém não preocupado com o próprio anonimato. Essa humildade “é uma pista falsa”. Trata-se de uma técnica retórica voltada a “cativar a audiência [...] quando o autor se diz inferior e mais incapaz do que os outros, e na verda-

55 SALÚSTIO. *A conjuração de Catalina...* Op. cit., p. 19.

56 LÍVIO, Tito. *História de Roma*. Trad. Paulo Matos Peixoto. São Paulo: Paumape, 1989, p. 17.

de, ao escrever, prova justamente o contrário”.⁵⁷ A autoridade de Lívio, entretanto, não advém exclusivamente de sua humildade, mas igualmente de sua capacidade de superar a tradição estilisticamente. Sua pretensão era de ser reconhecido por seu talento estilístico.⁵⁸

Cornélio Tácito, nascido em 56 d.C. e morto depois de 117 d.C., apresenta uma preocupação com a aprovação da autoridade no próêmio dos *Anais*, composto para ser uma reescrita dos principados de Tibério, Calígula, Cláudio e Nero, porque os relatos contemporâneos de tais imperadores falsificaram seus feitos por “temor”, enquanto as narrativas elaboradas logo após suas quedas foram marcadas por “ódio”. Na época de Augusto havia historiadores talentosos, mas nos reinados seguintes eles foram substituídos pela “adulação”. Portanto, ao contrário de seus antecessores, o autor produziu sua obra “sem raiva ou parcialidade”.⁵⁹ A rejeição tacitiana à adulação também se encontra numa passagem em que o autor acusa o Senado de cometer esse vício e retrata-o enquanto uma consequência (“*remedy*”) do temor.⁶⁰ Portanto, os fundamentos da credibilidade de Tácito são sua imparcialidade, o fato dele não ser adulator e a ausência de paixões que lhe afastariam da verdade – medo, ódio e raiva.

Alguns dos tópicos analisados encontram-se nas qualificações que Luciano espera de um historiador. Para ele, os elogios somente podem ser prazerosos, porém, desagradam se forem exagerados. Sendo assim, é necessário dissimular a lisonja, pois louvores “fora de medida” não conquistam a benevolência desejada, e sim são afastados como evidente adulação.⁶¹ O autor lista diversas características de um historiador verdadeiro: liberdade; “nada

57 MARQUES, Juliana Bastos. Mecanismos de legitimidade e tradição na historiografia latina... *Op. cit.*, p. 143-145.

58 MARINCOLA, John. *Authority and tradition in ancient historiography...* *Op. cit.*, p. 156.

59 TACITUS. *The Annals*. Trad. A.J Woodman. Indianápolis/Cambridge: Hackett, 2004, p. 1.

60 *Ibidem*, p. 159.

61 LUCIANO. *Como se deve escrever a história...* *Op. cit.*, p. 43-45.

bajulador e nada servil”; “experiência de comando”; sem temor e sem ambição de receber recompensas por seus elogios; alguém que privilegia “o interesse público” e que “não omite nada por ódio ou por amizade”. O sírio considera a historiografia uma tarefa “grande e difícil” por essas exigências, e porque demanda “inteligência política”, um talento natural, e “capacidade de expressão”,⁶² uma qualidade vinculada ao *topos* do esforço estilístico.⁶³

Nos autores analisados encontram-se os tópicos que, conforme indica Marincola, frequentemente eram vinculados às reivindicações de autoridade na Antiguidade: experiência, esforço e imparcialidade. Entretanto, outras qualificações eram igualmente fundamentais, como liberdade, honestidade, humildade, a capacidade ou disposição de elogiar na medida correta e a ausência de emoções ou atributos indignos de crédito; entre eles, destacam-se inveja, raiva, medo, ódio, ambição, adulação, falsidade e tendenciosidade. Na historiografia clássica, estas características negativas às vezes opõem-se à imparcialidade, e, em muitos casos, o esforço é resultado de dificuldades inerentes à escrita da história, principalmente a possibilidade de o leitor não reconhecer a credibilidade da narrativa. A preocupação em ter seu caráter aprovado pelo público seguirá no Renascimento.

O *éthos* no Renascimento

Na *História do povo Florentino*, composta em latim, Leonardo Bruni mimetizou o “*Proemium Auctoris*” da tradição clássica, “convencionalmente” expondo seus princípios historiográficos e apontando a grandeza e a utilidade pública das ações florentinas como os motivos para ter decidido elaborar sua narrativa.⁶⁴ De acordo com o humanista, alguns homens não se aventuraram na escrita da história ou por carência de habilidade ou por preferirem manter seu “conforto” e sua “reputação” em face das dificuldades do “tra-

62 LUCIANO. *Como se deve escrever a história...* Op. cit., p. 61-71.

63 MARINCOLA, John. *Authority and tradition in ancient historiography...* Op. cit., p. 156.

64 Cf. PIRES, Francisco Murari. *A retórica do método...* op. cit., p. 73.

balho pesado” do historiador, perigoso de prometer e difícil de concretizar. Tais fardos levaram Bruni a hesitar em seguir com seu plano, entretanto, acreditou que, por agir em boa causa, Deus favoreceria o êxito de sua iniciativa, auxiliando no “trabalho árduo e no esforço”.⁶⁵ O autor apresenta o ofício historiográfico enquanto um desafio reservado apenas a “homens excepcionais”, tendo em vista seus requisitos. Portanto, ele opera com uma “retórica heroizante”, destacando as dificuldades da composição histórica ao mesmo tempo que constrói a “figuração de sua excelência heroica”.⁶⁶ A demanda relativa ao caráter heroico do historiador remete ao tópico salustiano da glória conquistada pelo discurso, pois, para o aretino, um autor deve estar à altura do empreendimento grandioso que é a escrita da história, e ele atribui-se essa competência, de onde procede sua autoridade.

Pontano, similarmente a Luciano, lista certos traços específicos de um historiador ideal: caráter de um juiz capaz de equilibrar-se justamente entre o louvor e a censura; rejeição à parcialidade, à animosidade, ao ódio e à espera por recompensas – todos obstáculos à verdade. O humanista também comenta questões ligadas à construção do *éthos*, ensinando como o escritor de história pode conquistar a aprovação do público. Por exemplo, àqueles interessados em atrair reputação sugere agir discreta e modestamente.⁶⁷

O *éthos* em Maquiavel

Em 1498, Nicolau Maquiavel ingressou no cargo de secretário da Segunda Chancelaria da República florentina. Eleito com vinte e nove anos, era frequentemente enviado a missões de negociação doméstica ou internacional. Nessas experiências no exterior, desenvolveu um conjunto de conselhos práticos para o papel de embaixador, enfatizando, por exemplo, a centralidade da reputação para garantir a atenção do ouvinte e a necessidade

65 BRUNI, Leonardo. *History of the Florentine people... Op. cit.*, p. 3-5.

66 Cf. PIRES, Francisco Murari. *A retórica do método... op. cit.*, p. 75-76.

67 PONTANO, Giovanni. *Dialogues... Op. cit.*, p. 245-247.

de mostrar, em sua conduta, a própria capacidade, honestidade, liberalidade e, principalmente, credibilidade.⁶⁸ Sendo assim, durante esta função de secretário, o florentino provavelmente já se familiarizou com o cuidado de garantir a aprovação do seu caráter, mas não se pode desconsiderar sua educação retórica, fundada no *Do orador*, na *Retórica a Herênio* – textos de que dispunha em casa – e em Quintiliano.⁶⁹

A *História de Florença* (1521-1525) segue a regra preceituada pelos mestres retóricos latinos, cumprida pela historiografia antiga e por Bruni, de servir-se da introdução para tentar inspirar no público a impressão da narrativa ser digna de crédito. Um trecho que desempenha a função de tornar a audiência favorável é a frase inicial da Dedicatória ao papa Clemente VII: o autor indica ter elaborado seu relato com “arte” adquirida “*pela natureza e pela experiência*”,⁷⁰ uma marca de sua *persona*. Uma das passagens mais centrais à construção do *éthos* é a crítica maquiaveliana aos predecessores: as obras deles foram lidas “a fim de que, imitando-os, nossa história recebesse melhor aprovação dos leitores”, mas, eles concederam pouca atenção aos conflitos internos, ou por menosprezarem a grandeza destes eventos ou por temerem desagradar os descendentes dos sujeitos censurados.⁷¹ Maquiavel rejeita a abordagem breve da discórdia civil, porém, não levanta suspeitas relativas à credibilidade de Bruni e de Poggio; trata-se apenas de um modo de realçar a sua autoridade e de legitimar a nova versão da história de Florença. Entretanto, a alegação de omissões por medo da ofensa não nos remete a Bruni, cuja produção fora realizada independentemente e “em um regime republicano”, mas à condição do secretário sob o principado e o patronato dos Medici. A *História de Florença* foi a única composição do escritor fruto de encomenda em vez de uma escolha. Por isso, Maquiavel provavelmente referia-se à própria situação.⁷² Além dessa alusão a um cenário

68 GILBERT, Felix. *Machiavelli and Guicciardini...* Op. cit., p. 19-22.

69 VIROLI, Maurizio. *The power of words...* Op. cit., p. 73-76.

70 MAQUIAVEL, Nicolau. *História de Florença...* Op. cit., p. 3.

71 *Ibidem*, p. 7-8.

72 ARANOVICH, Patrícia Fontoura. *História e política em Maquiavel*. São Paulo:

perigoso, é evidente a preocupação dele em garantir que a família Medici, principalmente o papa Clemente VII, aprove seu caráter.

Outros trechos referentes à apresentação da *persona* do historiador encontram-se na Dedicatória. No primeiro, o autor manifesta seu empenho “em, não maculando a verdade, satisfazer a todos”, embora considere “impossível deixar de ofender”. No segundo, Maquiavel nega ser um adulator – alguém que tece louvores falsos e exagerados em busca de recompensas – ou um invejoso – quem elogia feitos virtuosos insuficientemente –, pois estes atributos negativos podem corresponder às impressões pelas quais o público tem da obra em decorrência de sua atitude laudatória acerca dos Medici do passado. A adulação e a inveja desagradam por causa da mentira, então, pretendendo deleitar, o secretário procura honrar os personagens adequadamente; no entanto, se desculpa devido à possibilidade da sua narrativa não concordar com os fatos. Essa possível carência de justiça, segundo o autor, seria fruto não de inveja ou adulação, mas de uma leitura imprecisa das “memórias”, de um erro interpretativo: julgar que os Medici quatrocentistas agiam em prol da utilidade comum ao invés de interesses privados.⁷³ Ou seja, aqui, Maquiavel não descarta a chance dessa família ser ambiciosa. Nesse segundo trecho percebe-se a reprodução daquele *topos* presente no discurso fúnebre de Péricles de um orador desacreditado por glorificar mais ou menos que o necessário.

Um dos atributos negativos que o autor da *História de Florença* procura afastar de sua *persona* é a adulação, um conceito também mencionado por Bruni, que explica a presença desse vício na corte imperial romana como resultado do declínio da liberdade.⁷⁴ O *príncipe* de Maquiavel fornece um capítulo (XXIII) inteiro ao tema “Como evitar os adutores”, onde se observa uma descrição da adulação enquanto produto da carência de liberdade. Segundo o secretário, a única solução é fazer “os homens entender[em] que

Discurso editorial, 2007, p. 148-154.

73 MAQUIAVEL, Nicolau. *História de Florença...* *Op. cit.*, p. 4-5.

74 BRUNI, Leonardo. *History of the Florentine people...* *Op. cit.*, p. 51.

não te ofendem ao dizer a verdade”, embora nem todos possam dizê-la; deve-se apenas conceder a “homens sábios” o acesso “para lhes dizer a verdade”. Além disso, é necessário o governante, diante dos conselhos “e a cada um de seus conselheiros, portar-se de tal modo que todos saibam que, quanto mais livremente se expressarem, tanto mais lhes será o príncipe agradecido”.⁷⁵ Portanto, enquanto n’*O Príncipe* a adulação está associada ao conselho, na *Istorie* o autor a vincula ao elogio. A precaução do secretário em evitar a reputação de adulator é evidente na Dedicatória desta composição historiográfica, onde ele indica fugir “de adulações em todas as partes de minha história”.⁷⁶

Podemos concluir que a crítica maquiaveliana a seus antecessores no Proêmio exerce uma função que advém da historiografia antiga: conquistar a benevolência do leitor e garantir a aprovação da autoridade do historiador, principalmente mediante a apresentação de um *éthos* favorável. Maquiavel atribui-se um caráter baseando-se na própria situação perigosa diante dos Medici, provavelmente o público-alvo mais relevante na moldagem de suas reivindicações. Essa preocupação remete às discussões dos mestres de retórica antiga relativos à reputação. Na *Istorie*, sua *persona* foi forjada discursivamente, ainda que em diálogo com sua relação tensa com o papa Clemente VII e sua família. Neste capítulo retomei alguns conceitos discutidos anteriormente, principalmente os pares opostos deleite-desagrado e elogio-condenação, pois se conectam com as reivindicações do autor. Maquiavel representa-se enquanto um historiador dotado de *talento artístico* e que, *sem medo* de ofender com suas censuras, *privilegia a verdade* ao prazer, embora também teça louvores na medida certa, isto é, não insuficientes (por *inveja*) ou exagerados (por *adulação*).

75 MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 113.

76 *Ibid.* *História de Florença... Op. cit.*, p. 5.

III.

Os discursos na *História de Florença*: as funções das palavras dos personagens históricos

No capítulo anterior, defendi que Maquiavel reproduz uma prática recorrente entre historiadores antigos: garantir a aprovação de sua autoridade mediante a técnica retórica do *éthos*. A especificidade do uso maquiaveliano deste recurso é a sua conexão com a conjuntura tensa do secretário sob o principado e o patronato dos Medici, que inspira o autor a construir seu caráter com base nas expectativas desse leitor chave. O secretário apresenta-se enquanto um escritor que *censura* sem temer ofender e distribui *elogios* adequados. Não é por acaso que as principais qualidades reivindicadas se conectam a elementos epidícticos. No final do primeiro capítulo cheguei na conclusão de que a *Istorie* enfatiza a censura ao invés do louvor pois o objeto de crítica mais relevante de sua narrativa são as discórdias civis produzidas pelo facciosismo. Apesar disso, o secretário não se priva de distribuir louvores ao longo da obra, inclusive aos Medici. São por essas razões que a alegação de não ser um adulator – quem elogia exageradamente com o interesse de receber favores – é tão central para o desenho de uma *persona* favorável aos olhos dessa família.

Maquiavel anuncia na Dedicatória que evita adulações “sobretudo nos discursos e nas considerações privadas, descritos de modo direto ou indireto”.⁷⁷ Neste capítulo desenvolvo uma análise das falas dos personagens históricos, com maior atenção àquelas pronunciadas no período de ascensão e consolidação do poder dos Medici (entre os Livros IV e VIII). O objetivo é identificar as funções que tais orações exercem na narrativa como um todo e no cenário específico da elocução. Parto da hipótese de que o autor se aproveita destas passagens para aplicar os elementos dos gêneros deliberativo e epidíctico e fundamentar seu *éthos* não adulator; ou seja, as orações servem, entre outros papéis secundários, como porta-vozes de censuras e elogios, além de ensinamentos relativos ao funcionamento e à manutenção do facciosismo na vida florentina. É importante lembrar que, conforme o secretário implicitamente indica no Proêmio, há a possibilidade de sua descrição dos Medici quatrocentistas ser imprecisa. Segundo ele, caso aconteça, não seria por causa de inveja ou adulação, mas sim devido a uma interpretação equivocada das fontes, por não reconhecer motivações ambiciosas em seus atos. Demonstrarei que, nas elocuições da *História de Florença*, Maquiavel deixa claro o seu próprio erro interpretativo evidenciando os interesses privados dessa família e seus consequentes prejuízos à liberdade republicana.

Os discursos na historiografia antiga

Os discursos cumpriam diversos papéis na historiografia antiga: caracterizar a natureza dos personagens e indicar as razões, os raciocínios e as expectativas por trás de seus atos; quebrar a sequência de eventos, oferecendo uma reflexão mais abstrata acerca dos temas em jogo numa determinada situação histórica ou de questionamentos universais de filosofia política; e sublinhar momentos dramáticos,⁷⁸ isto é, marcados pela presença do *páthos*. Outra função exercida pelas orações é servir como porta-voz das

⁷⁷ MAQUIAVEL, Nicolau. *História de Florença...* Op. cit., p. 5.

⁷⁸ MARINCOLA, John. *Authority and tradition in ancient historiography...* Op. cit., p. 119-120.

preocupações dos historiadores relativas ao seu tempo. Entre os vários tipos de elocuições encontradas nas obras clássicas, destacam-se os debates entre dois (ou mais) oradores em discordância. A prática de incluir duas orações emparelhadas e antagônicas era muito comum devido a um importante fenômeno da vida cultural romana: a *controversia*, um exercício retórico de argumentar dois lados de uma mesma questão.⁷⁹

A historiografia antiga, enquanto um gênero literário, desenvolveu uma série de convenções que, embora não fossem regras aplicadas por todo historiador e em qualquer circunstância, relevam certos hábitos na composição dos discursos. Entre elas destaco a proximidade das elocuições a pelo menos um dos três gêneros retóricos e a menção a exemplos históricos.⁸⁰ No primeiro capítulo aponte a centralidade que Aristóteles atribui aos exemplos para a deliberação. Na *Instituição oratória*, Quintiliano alude à importância dos conselhos feitos em assembleias nas obras dos historiadores.⁸¹ De fato, a grande maioria dos discursos nas histórias são deliberativos ou pronunciados por generais logo antes de batalhas. Apesar dos casos pertencentes à retórica epidíctica, como a oração fúnebre de Péricles tucidideana, era muito mais comum o simples empréstimo de elementos deste gênero.⁸²

Ao tratar do gênero epidíctico, a *Retórica a Herênio* diz que o louvor “pode ser das coisas externas, do corpo e do ânimo”. A primeira categoria é relativa a coisas “que podem acontecer por obra do acaso”, como “ascendência, educação, riqueza”. Já a categoria do ânimo associa-se às virtudes – mais especificamente prudência, justiça, coragem e modéstia – e aos vícios.⁸³ Cícero lista virtudes como “sabedoria, nobreza, coragem, justiça, grandeza,

79 LAIRD, Andrew. The rhetoric of Roman historiography. In: FELDHERR, Andrew (ed.). *The Cambridge companion to the Roman historians*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009, p. 207-208.

80 MARINCOLA, John. *Authority and tradition in ancient historiography...* Op. cit., p. 127-130.

81 QUINTILIANO, Marcos Fábio. *Instituição oratória...* Op. cit., 2015, p. 457.

82 MARINCOLA, John. *Authority and tradition in ancient historiography...* Op. cit., p. 127-128.

83 Autor desconhecido. *Retórica a Herênio...* Op. cit., p. 161.

iedade, gratidão, humanidade”.⁸⁴ Aristóteles, junto de algumas destas, menciona “a temperança, a magnificência, a magnanimidade, a liberalidade, a mansidão, a prudência”.⁸⁵

Em *A conjuração de Catilina*, Salústio apresenta em sequência duas orações deliberativas – relativas à qual ação o Senado deve tomar a respeito dos conjurados cativos – de opiniões diversas, reproduzindo o princípio da *controvérsia*. No primeiro discurso, Júlio César primeiro constrói um *éthos* marcado pela isenção de paixões – como o “ódio” e a “amizade” – que atrapalham a apreensão da verdade. Enquanto ele supostamente age racionalmente, outros oradores se caracterizam pelo apelo emocional, como Décimo Silano. Com o fim de provar quão exagerada e irracional é a proposta desse personagem, César narra exemplos históricos nos quais romanos do passado agiram corretamente, “contra a paixão que sentiram”. Enquanto ele defende o exílio dos prisioneiros, o orador seguinte aconselha a pena de morte. De modo contrário ao adversário, Marcos Catão repetidamente recorre ao *páthos* – sendo o medo a principal emoção mobilizada –, reivindica um *éthos* de contraposição ao luxo, à ganância e à complacência, e ironiza a *persona* racional que César atribui a si; este, apesar de alegar uma ausência de temor, defendeu o exílio dos prisioneiros por medo de que fossem libertados por outros conjurados em Roma. Porém, caso de fato não tema nada em meio a tantos perigos, devemos suspeitar de suas reais intenções; ou seja, César possivelmente é ambicioso e tem compaixão pelo inimigo.⁸⁶ Ambas as falas cumprem as funções de destacar a natureza e os raciocínios dos personagens e de servir como porta-voz da censura salustiana à corrupção no cenário político em Roma.

Não há consenso entre os comentadores de Tucídides em relação a se podemos definir as orações presentes em sua obra de verdadeiras ou não. Para Marincola, na *História da Guerra do*

84 CÍCERO, M. T. *Do orador...* *Op. cit.*, p. 203.

85 ARISTÓTELES. *Retórica...* *Op. cit.*, p. 125.

86 SALÚSTIO. *A conjuração de Catalina...* *Op. cit.*, p. 63-75.

Peloponeso encontramos indicações tanto de fidelidade ao que foi realmente dito quanto de apoio na noção de adequação à pessoa e à circunstância. Em vez de inventar completamente, Tucídides de fato tentou descobrir o discurso pronunciado, mas, devido a dificuldade deste procedimento de pesquisa, recorreu à uma reconstrução imaginária, escrevendo o que os oradores, diante de suas situações e fins particulares, teriam precisado falar para tornar seu argumento o mais eficiente possível. Logo, o ateniense articulou o conceito de probabilidade ao aspecto investigativo da tarefa do historiador.⁸⁷

Os discursos no Renascimento

Seguindo os historiadores antigos, os humanistas utilizavam elocuições por motivos diversos, incluindo expor as motivações dos agentes, enfatizar a importância dos eventos e informar as razões de guerras – neste caso, o orador é frequentemente um comandante militar dirigindo-se aos seus soldados logo no início de batalhas. Também eram comuns as orações apresentadas em pares, uma apontando os lados positivos de uma alternativa e outra a desaconselhando. Os autores não se preocupavam se as palavras eram reais ou não, pois, como acreditavam que as elocuições dos historiadores clássicos foram inventadas, consideravam-se autorizados a reproduzir tal hábito.⁸⁸

Em seu *Discurso sobre a falsa e enganadora doação de Constantino* (1440), Valla apresenta orações artificiais retratando o que os personagens deveriam ter dito diante de um momento, de um lugar, e de circunstâncias específicas. Ele se baseou na ferramenta retórica do *decorum* para imaginar a si próprio dentro da cena dos protagonistas e, com isso, descobrir as palavras apropriadas àquele situação e àqueles atores particulares.⁸⁹

87 MARINCOLA, John. *Authority and tradition in ancient historiography...* Op. cit., p. 120-123.

88 GILBERT, Felix. *Machiavelli and Guicciardini...* Op. cit., p. 211.

89 GRAFTON, Anthony. *What was history?: the art of history in early modern Europe*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012, p. 35-38.

Pontano defende que os historiadores devem se dedicar à inclusão de discursos em suas obras, pois o poder da fala é capaz de comover e levar as mentes para a emoção desejada. O compositor de histórias precisa não apenas apoiar-se no relato de terceiros para tentar reproduzir as palavras reais dos oradores, mas também expor o que eles poderiam ter dito conforme a natureza dos personagens e as demandas do tempo e da situação. As orações devem ser introduzidas em seu próprio lugar e espaço, mantendo o “*decorum*” pertencente a elas. Além disso, as causas das guerras e de outros eventos juntam-se aos conselhos, às opiniões e às finalidades dos homens. Já que esses três elementos sempre variam, é importante apresentar as divergências, fazendo os líderes de grupos políticos opostos expressarem suas perspectivas em debates.⁹⁰

Os discursos em Maquiavel

Junto dos padrões da historiografia antiga, Maquiavel adota parte destas contribuições da teorização humanista. Ele alega fugir das adulações especialmente nos discursos, “que mantêm sem restrições [...] o *decoro* do humor da pessoa que fala”.⁹¹ Ou seja, tais passagens foram compostas mediante a ferramenta do *decorum*, buscando adequar suas palavras ao orador. Na *Istorie Fiorentine* há orações diretas e indiretas, breves e longas, mas não será possível analisar todas. Meu foco é naquelas pronunciadas durante a era dos Medici (Livros IV ao VIII), portanto, somente apontarei as características básicas de outras, sem aprofundá-las.

Duas orações importantes são proferidas na época de conflitos entre povo e plebe, em 1378. A primeira elocução é de Luigi Guicciardini, que ocupava o cargo mais importante nas magistraturas republicanas em Florença: gonfaloneiro. Ele aconselha o fim das desordens promovidas por plebeus e consegue comover os ânimos do público. Apesar disso, uma nova revolta se inicia, conhecida como Tumulto dos *Ciampi* – estes eram integrantes da “*ínfima plebe*”. Portanto, reproduzindo o princípio da *controver-*

90 PONTANO, Giovanni. *Dialogues...* Op. cit., p. 275-287.

91 MAQUIAVEL, Nicolau. *História de Florença...* Op. cit., p. 5.

sia, Maquiavel expõe as palavras de um *Ciomo* que aconselha a discórdia. Os revoltosos tomam o Palácio da Senhoria⁹², e, embora a “plebe miúda” foi retirada do governo depois de um tempo, os plebeus permanecem no poder entre 1378 e 1381. Este foi um período repleto “de exílios e mortes” e tinha o apoio de cidadãos como Giorgio Scali e Salvestro de Medici. Até o final da *Istorie*, o autor chama esse partido de “plebeu”. A facção adversária é composta pelos “populares nobres”,⁹³ isto é, membros do setor mais poderoso do povo.

No capítulo inicial do livro IV, o secretário expõe os motivos da falta de liberdade em repúblicas mal ordenadas: estas variam entre a servidão dos nobres e a licença dos populares. Em Florença “nunca se extinguiram” as facções que surgiram das inimizades ressuscitadas por Salvestro de Medici. O partido dos populares nobres entrou no poder em 1381 após a morte de Giorgio Scali. Esse novo estado conseguiu manter sua estabilidade inicialmente graças a Maso degli Albizzi e, num momento posterior, a Niccolò da Uzano. Neste tempo havia outros “cidadãos de mais autoridade”, como Neri di Gino Capponi, Nerone di Nigi e Rinaldo degli Albizzi, filho de Maso. Apesar da derrota do partido plebeu entre 1381 e 1400, não foi eliminado completamente devido ao seu favoritismo diante do povo e do “desejo de vingança”. Esta sobrevivência provocou a ruína do governo vigente, cujos partidários cultivavam entre si uma “inveja mútua”, os desviando do “cuidado necessário com quem poderia prejudicá-los”, e, assim, permitindo “que a família Medici recobrasse autoridade”, mais especificamente Giovanni, designado gonfaloneiro em 1421. De acordo com Maquiavel,

Este, que se tornara riquíssimo e tinha natureza benigna e humana, foi conduzido à magistratura suprema [de gonfaloneiro] por concessão dos governantes. Com isso, toda a cidade demonstrou tanta alegria, por parecer à multidão que ganhara um defensor,

92 A Senhoria era formada por Senhores, cidadãos nobres ou do povo designados a permanecer um tempo curto no “governo da república”. Ver: MAQUIAVEL, Nicolau. *História de Florença...* Op. cit., p. 93-94.

93 MAQUIAVEL, Nicolau. *História de Florença...* Op. cit., p. 179-198.

que nos mais sábios nasceu a suspeita [...]. E Niccolò da Uzano não deixou de prevenir os outros cidadãos, mostrando o grande perigo que havia em favorecer alguém que tinha tanta reputação junto ao povo; mostrava-se também que é fácil opor-se às desordens no princípio, mas, depois que crescem, é difícil remediá-las [...]. Niccolò não foi ouvido por seus pares, que invejavam sua reputação e desejavam ter aliados para derrubá-lo.⁹⁴

Aqui Maquiavel já implicitamente indica a forte relação entre os Medici e o facciosismo, pois o sucesso dessa família decorre das inimizades internas ao partido adversário. De fato, Niccolò da Uzano é o porta-voz do autor,⁹⁵ uma função que se repetirá em toda a obra e que será cumprida por outros personagens.

Ao longo do Livro IV Maquiavel narra como se deu a ascensão dos Medici: em 1423, depois de Filippo Maria Visconti – duque de Milão e senhor da Lombardia – violar um acordo de paz, a cidade dividiu-se em dois grupos antagônicos. Um desaconselhava conflitos bélicos, e o outro, compostos pelos “mais reputados no governo”, era favorável ao confronto armado. A segunda opinião prevaleceu e, por isso, novos tributos foram implementados. O povo florentino, descontente com a campanha “desnecessária”, condenava “a ambição e a ganância dos poderosos”, e ganhou o suporte público de Giovanni de Medici. Este se fortaleceu após a derrota de Florença numa batalha. Para acalmar a multidão, Rinaldo degli Albizzi, um aspirante “ao cargo supremo da cidade”, pronunciou um discurso indireto do gênero deliberativo, apontando a necessidade da guerra e exortando os populares a imitarem “seus antepassados, que [...] sempre se haviam defendido de quaisquer príncipes”.⁹⁶

Após a radicalização das divergências internas, vários dos cidadãos mais importantes “se reuniam e concluíam que era necessário retomar o estado”, mas não contaram com a presença de Giovanni de Medici. Na reunião, Rinaldo manifesta a leitura de

94 MAQUIAVEL, Nicolau. *História de Florença...* Op. cit., p. 221-224..

95 NAMEJY, John M. Machiavelli and the Medici: The Lessons of Florentine History. *Reinassance Quaterly*, v. 35, n. 4, p. 567, 1982.

96 MAQUIAVEL, Nicolau. *História de Florença...* Op. cit., p. 225-231.

que Florença retornava ao perigoso “poder da plebe” perdurou entre 1378 e 1381. Desta forma, a solução para impedir a consolidação de um estado licencioso e conter as desordens da multidão seria devolver a autoridade aos nobres, naturais inimigos da plebe, pela reformulação das ordenações ou por vias extraordinárias⁹⁷: “a fraude ou a força”. Os “seus conselhos receberam a aprovação de todos”, especialmente de Niccolò da Uzano. Este, porém, advertiu que tais propostas somente funcionariam e bloqueariam novas divisões caso obtivessem a cooperação de Giovanni, um dos líderes do povo. Sem ele, todo o plano seria altamente arriscado.⁹⁸

Rinaldo, entretanto, falhou em persuadir Giovanni, que argumenta por meio de exemplificação histórica: o passado florentino mostra que é um erro usar forças extraordinárias para retirar a autoridade do povo, que este tentará vingar-se. A melhor opção é “deixar a cidade com suas ordenações”. Esses “debates chegaram ao conhecimento público”, de modo a aumentar tanto “o ódio aos outros cidadãos” quanto a reputação popular de Giovanni, que se esforçou em divulgar seu objetivo de eliminar as facções em vez de alimentá-las, desapontando “muitos de seus partidários”. Por exemplo, seu filho Cosimo incentivava-o “a perseguir os inimigos e favorecer os amigos”.⁹⁹ Este é o primeiro marco da diferenciação entre Giovanni e seu filho, mais aberto à prática típica do facciosismo de priorizar os interesses dos aliados. Conforme veremos, essa conduta tornou-se a principal característica do governo de Cosimo.

Em seu leito de morte (1429), Giovanni de Medici ensina ao filho como preservar seu legado de riquezas, honras e boa reputação. Primeiramente, é importante tentar beneficiar a todos e não ofender ninguém. Além disso, “se quiserdes viver seguros” do estado, pode retirar somente “o que vos é dado pelas leis e pelos homens” para não atrair ódio, inveja e perigo. Ele admite ter con-

97 Na linguagem maquiaveliana, as vias extraordinárias são um modo de ação associado ao uso da violência e das armas. Cf. MÉNISSIER, Thierry. *Vocabulário de Maquiavel...* *Op. cit.*, p. 21-24.

98 MAQUIAVEL, Nicolau. *História de Florença...* *Op. cit.*, p. 231-234.

99 *Ibidem*, p. 234-236.

seguido, inclusive, aumentar seu renome na cidade através desse caminho. Maquiavel elogia uma série de qualidades dessa personagem: “cordial”, prudente, amante da paz, benéfico ao “bem comum” e “misericordioso”, socorrendo a “necessidade dos pobres”. “Morreu riquíssimo de dinheiro, porém mais rico de boa fama e benquerença. Sua herança, tanto em bens da fortuna quanto naqueles do ânimo, foi não só mantida como aumentada por Cosimo”.¹⁰⁰

Em Florença surgiu a possibilidade de iniciar um confronto contra Lucca. Enquanto “eram contrários à guerra Niccolò da Uzano e seus partidários”, os Medici e Rinaldo concordavam com o empreendimento, ou por acreditarem em sua utilidade ou por ambição. Em um diálogo indireto, degli Albizzi aconselha a campanha, enquanto Uzano era de tese oposta. O grupo dos favoráveis venceu.¹⁰¹ Na leitura de Namejy, o posicionamento de Cosimo revela um contraste com Giovanni – que se opusera ao conflito externo com Filippo Maria Visconti –, e em sua atividade política também encontramos dissemelhanças.¹⁰² A inclinação do filho ao facciosismo é evidente. Durante a disputa com Lucca, ele agia nos assuntos públicos “com maior empenho e mais liberalidade com os amigos do que o próprio pai”. Maquiavel elogia sua natureza prudente, liberal e humana, além do fato de não tramar contra o estado ou contra o próprio partido. Porém, destaca seu hábito de cativar cidadãos mediante benefícios, transformando-os em partidários, e sua disposição “a adotar meios extraordinários”, como usar a calúnia, forjando crimes para diminuir a reputação dos adversários. Essa atitude incomodou a facção dos populares nobres. Em 1433, Niccolò Barbadoro exortou Niccolò da Uzano a organizar um plano com Rinaldo degli Albizzi para exilar Cosimo, mas o ouvinte discordou, preferindo agir dentro das ordenações, e demonstrou os prejuízos dessa opção:

Batizastes nosso partido de Partido dos Nobres, e ao partido contrário destes o nome de Partido da Plebe [...]. Mas temos muito mais o que temer, visto que nosso partido está desmembrado,

100 MAQUIAVEL, Nicolau. *História de Florença...* *Op. cit.*, p. 244-245.

101 *Ibidem*, p. 248-252.

102 NAMEJY, John M. *Machiavelli and the Medici...* *Op. cit.*, p. 568-569.

e o dos adversários está íntegro. [...] Neri di Gino e Nerone di Nigi, dois de nossos principais cidadãos, nunca se manifestaram, de tal modo que não se pode dizer que são mais amigos nossos que deles [...]. De modo que, se considerarmos bem quem são eles e quem somos nós, não sei por que nosso partido merece mais ser chamado de nobre do que o deles. Se for porque eles são seguidos por toda a plebe, estamos em piores condições, e eles em melhores; de tal modo que pela via das armas ou dos partidos, não poderemos resistir. [...] E se dissesse que a justa razão está conosco, e não com eles, o que aumentaria o nosso crédito e diminuiria o deles, respondo que tal justiça precisa ser entendida e acreditada pelos outros assim como o é por nós; mas o que ocorre é o contrário; porque a razão que nos move está toda fundada na suspeita de que Cosimo se torne príncipe desta cidade: se nós temos essa suspeita, os outros não a têm; aliás, o que é pior: os outros nos acusam daquilo que o acusamos. As obras de Cosimo que o tornam suspeito são: pôr seu dinheiro à disposição de todos [...]; ajudar este ou aquele cidadão que precisa dos magistrados; [...] alça este ou aquele amigo a postos mais honrosos. Portanto, seria preciso dizer quais as razões de expulsá-lo, porque ele é piedoso, solícito, liberal e amado por todos. Dize-me: qual é a lei que proíbe, censura ou condena a piedade, a liberalidade, e o amor? E, embora tais modos sejam aptos a levar voando ao principado, ninguém os vê assim, nem somos capazes de assim os mostrar, porque nossos modos nos tiraram o crédito, e a cidade, que naturalmente é partidária e [...] corrupta, não pode dar ouvidos a semelhantes acusações.¹⁰³

Ou seja, a via das armas é inconveniente para o partido dos nobres, que sofre uma divisão interna, enquanto os adversários são mais unidos. A facção da plebe ainda possui uma vantagem baseada no *éthos*: aos olhos populares sua reputação supera o crédito dos inimigos, pois a cidade não percebe a ambição encoberta pelas virtudes e métodos extraordinários de Cosimo, e, assim, auxilia sua trajetória em direção ao principado. Novamente Niccolò da Uzano serve como porta-voz de Maquiavel. Na sequência da elocução, o personagem já sinaliza como o facciosismo permitirá Cosimo escapar da morte e, seguidamente, do exílio:

Mas suponhamos que conseguísseis expulsá-lo [...]: como poderíeis, entre tantos amigos dele, que ficariam e arderiam de desejos

103 MAQUIAVEL, Nicolau. *História de Florença... Op. cit.*, p. 262-266.

pela sua volta, evitar que ele voltasse? Isso seria impossível [...]; e quanto maior número de seus amigos declarados expulsásseis, maior seria o número de inimigos que arranjaríeis, de tal modo que depois de pouco tempo ele voltaria; e o que ganharíeis é que teríeis expulsado um homem bom, e ele voltaria mau; porque sua natureza seria corrompida por aqueles que o tivessem chamado de volta, aos quais ele não poderia opor-se, por lhes dever obrigações. E se tiverdes em mente fazê-lo condenar à morte, não o conseguireis por meio dos magistrados, porque o dinheiro dele e os vossos ânimos corruptíveis sempre o salvarão [...]. Segue, portanto, meu conselho: cuida de viver modestamente; e, quanto à liberdade, deverás suspeitar tanto de nosso partido quanto do adversário.¹⁰⁴

Embora tal discurso desanimara “os ânimos de Barbadoro” e a guerra com Lucca desviara a atenção das inimizades internas, o óbito de Niccolò da Uzano e a paz externa reascenderam os conflitos em Florença, levando Rinaldo degli Albizzi a uma tentativa de destruir seus adversários por vias extraordinárias. Ele aconselhou Bernardo Guadagni, o gonfaloneiro, a orquestrar a morte de Cosimo, que atingira uma autoridade demasiada mediante favores e, por isso, provavelmente se transformaria num príncipe. O magistrado foi persuadido e providenciou a prisão daquele inimigo. Este, contudo, subornou-o para salvar sua vida, trocando uma sentença fatal pelo exílio. Com isso, ele e mais membros de sua família foram expulsos de Florença.¹⁰⁵ Esse episódio prova algumas das advertências do último discurso direto, e o evento subsequente concretizará a previsão como um todo; no ano seguinte (1434), os novos Senhores, partidários dos Medici, mandaram um exército infiltrar-se secretamente na cidade, chamaram de volta os confinados e expulsaram Rinaldo, Niccolò Barbadoro e outros integrantes da facção dos nobres. No retorno à pátria, Cosimo “foi saudado por todos como benfeitor do povo e pai da pátria”.¹⁰⁶ Assim Maquiavel termina o Livro IV, após narrar a ascensão dos Medici.

104 MAQUIAVEL, Nicolau. *História de Florença...* Op. cit., p. 266-267.

105 *Ibidem*, p. 268-272.

106 *Ibidem*, p. 279-280.

No começo do Livro V, o autor descreve a consolidação do poder de Cosimo após a ruína dos inimigos num governo violento auxiliado pela república de Veneza, uma amiga adquirida durante o tempo de exílio.¹⁰⁷ Quando Gênova libertou-se da submissão à Filippo Maria Visconti, duque de Milão, surgiu nos príncipes italianos uma esperança de diminuir suas forças, então, “os florentinos e os venezianos entraram em acordo com os genoveses”. Em contrapartida, Rinaldo degli Albizzi, ainda banido de sua cidade no ano de 1436, aconselha o senhor milanês a empreender outra guerra contra Florença. Ele espera

que ninguém condene aquele que move armas contra sua pátria, porque nas cidades [...] muitas vezes surgem enfermidades que não podem ser curadas sem fogo ou ferro [...]. Que doença pode ser pior ao corpo de uma república do que a servidão? [...] não te devem impressionar os exemplos passados, de poderio e obstinação na defesa demonstrados por aquele povo; tais coisas deveriam com razão causar temor [...], mas agora verás o contrário, pois [...] que obstinação queres que haja num povo desunido por tantas e novas inimizades? [...] Nas guerras passadas lutavas contra toda uma cidade, agora lutarás contra uma mínima parte dela; vinhas então para tirar o estado de muitos cidadãos e bons, agora vens para tirá-lo de poucos e maus; vinhas para tirar a liberdade de uma cidade, agora vens para devolvê-la.¹⁰⁸

Através deste discurso, Maquiavel simultaneamente reafirma a transformação de Florença num principado de fachada republicana e mostra que Rinaldo, embora apresente-se como um cidadão ideal, é tão aderente ao facciosismo e perigoso para a república quanto Cosimo, como alertara Niccolò da Uzano. O orador não hesita em atingir seus interesses por modos extraordinários.

No capítulo inicial do Livro VII, o secretário distingue duas maneiras de obter reputação: as vias públicas – triunfos militares e conselhos úteis – e as vias privadas – beneficiar alguém “ajudando-o com dinheiro, alcançando-o a cargos não merecidos”. A ori-

107 MAQUIAVEL, Nicolau. *História de Florença...* Op. cit., p. 277-289.

108 *Ibidem*, p. 293-297.

gem das facções encontra-se nessa segunda categoria. Enquanto Neri di Gino Capponi tornara-se bem reputado diante do povo mediante caminhos públicos, e por isso detinha “muitos amigos e poucos partidários”, o filho de Giovanni misturou ambos os métodos, logrando “amigos e muitos partidários”.¹⁰⁹

O contraste entre tais personagens é evidente em duas passagens da *Istorie*. Em um episódio do Livro V, Cosimo falha em persuadir o Senado veneziano apesar da confiança na própria reputação;¹¹⁰ mas Capponi, logo depois (1439), é efetivo na persuasão, sendo recebido em Veneza “com tanta honra” e conseguindo fazer os senadores venezianos chorarem.¹¹¹ Em uma segunda situação, de guerra externa, os florentinos debatem se responderão às súplicas do conde Francesco Sforza. Aquele Medici era favorável por causa da amizade entre eles, entretanto, seu adversário discordava pois não via nenhuma utilidade nessa decisão.¹¹² Na leitura de Aranovich, tais contrastes revelam uma alusão de Maquiavel à própria falta de liberdade sob seu patrocinador. A solução maquiaveliana foi glorificar Neri para dissimular sua reprovação ao filho de Giovanni, conforme pode sugerir a seguinte técnica, mencionada nos *Discursos*:¹¹³ quando não se pode censurar diretamente um tirano, elogia-se seu inimigo.¹¹⁴ Aliás, uma ferramenta próxima à dissimulação é mencionada na *Retórica a Herênio*: o “ocultamento [...] é útil se algo, que não é pertinente expor aos outros, puder trazer vantagem quando referido dissimuladamente”.¹¹⁵

Como busquei destacar até aqui, Maquiavel se preocupa em expor suas críticas aos Medici de modo indireto através de seus adversários, ou usando-os como porta-vozes ou glorificando-os.

109 MAQUIAVEL, Nicolau. *História de Florença...* Op. cit., p. 422-424.

110 *Ibidem*, p. 303-309

111 *Ibidem*, p. 319-321.

112 *Ibidem*, p. 389-390.

113 ARANOVICH, Patrícia Fontoura. *História e política em Maquiavel...* Op. cit., p. 241.

114 MAQUIAVEL, Nicolau. *Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio*. Trad. Sérgio Bath. Brasília: Ed. UnB, 1994, p. 54.

115 Autor desconhecido. *Retórica a Herênio...* Op. cit., p. 253-255.

Porém, não podemos esquecer dos elogios dirigidos a essa família, cujas qualidades mesclam com seus vícios. Já apontei em vários trechos que demonstram a forte ligação entre a liberalidade e o facciosismo, como a advertência de Niccolò da Uzano relativa à causalidade entre atitudes liberais e a formação de principados. Outro exemplo que demonstra tal conexão é o relato da morte de Cosimo (1464): o autor sublinha sua autoridade, riqueza, liberalidade e prudência, virtudes “que o tornaram príncipe”.¹¹⁶

Devido à morte de Neri (1455), sua facção extinguiu-se e, conseqüentemente, surgiu uma divisão interna ao partido dos Medici particularmente danosa a Piero, filho de Cosimo.¹¹⁷ Dietsalvi Naroni, um partidário deles ambicioso o suficiente para esquecer-se dos antigos benefícios recebidos, decidiu retirar-lhe a reputação e o estado, juntando-se a Niccolò Soderini.¹¹⁸ De modo similar a Rinaldo, ambos foram banidos de Florença e buscaram convencer o Senado veneziano a entrar em guerra contra a própria cidade, governada por “tiranos”.¹¹⁹ Em um breve discurso, mais próximo do gênero epidíctico do que da retórica deliberativa, Piero censura o comportamento violento de seus partidários.¹²⁰

No Livro VIII encontramos outro episódio que ilustra um conflito entre os Medici e antigos amigos: a Conjuração dos Pazzi (1478). Antes de 1466, quando aquela família concentrou sozinha o poder de Florença, ainda era possível opor-se a ela abertamente sem levar punição, pois havia liberdade entre os magistrados. Porém, a partir daquela data, o único meio de eliminá-la tornou-se recorrer a conspirações secretas, que geralmente arruinam seus atores e engrandecem as vítimas. Em sua época, Cosimo achou que arranjar o casamento de Bianca, sua neta, com um dos sobrinhos de Iacopo de Pazzi terminaria com as inimizades entre as duas casas. Porém, Lorenzo e Giuliano, filhos de Piero, foram aconselha-

116 MAQUIAVEL, Nicolau. *História de Florença...* Op. cit., p. 429.

117 *Ibidem*, p. 424.

118 *Ibidem*, p. 440-442.

119 *Ibidem*, p. 456-457.

120 *Ibidem*, p. 462-463.

dos a não cumprirem todas as honras prometidas pelo avô, e assim fizeram, gerando o crescimento das animosidades até desembocar na conjuração. Apesar dos conjurados conseguirem matar Giuliano, seu irmão sobreviveu. Iacopo, numa última tentativa de deixar a chama da conjuração acesa, convocou o povo nas ruas em defesa da liberdade. No entanto, “como um fora ensurdecido pela fortuna e pela liberalidade dos Medici, e a outra não era conhecida em Florença, ninguém lhe respondeu”. Os resultados do evento foram o assassinato de vários Pazzi e o aumento da popularidade de seus adversários. O papa e o rei de Nápoles desejavam mudanças no estado florentino, mas, devido ao insucesso daquele empreendimento, seus interesses não se concretizaram. Portanto, declararam guerra contra Florença e, mais especificamente, contra Lorenzo, seu único inimigo na cidade. Tal personagem, frente à situação, pronunciou um discurso direito aos Senhores de sua pátria:

quando penso com quanta fraude e com quanto ódio fui atacado e com que meu irmão foi morto, não posso deixar de me entristecer de todo o coração e de lamentar com toda a minha alma. [...] nem entre amigos, nem entre parentes, nem na igreja, estávamos seguros [...]. Se eles fizeram isso pelo desejo de dominar, como demonstra o fato de [...] vierem com homens armados à Praça, suas ações, por si mesmas, se mostram vis, ambiciosas e condenáveis; se o fizerem por ódio e inveja que tivessem de nossa autoridade, a ofensa recaiu sobre vós, e não sobre nós, uma vez que fostes vós que nos destes tal autoridade. Na verdade, merece ódio a autoridade usurpada, e não aquela que se adquire graças à liberalidade, à humanidade e à generosidade. E vós sabeis que nossa casa nunca atingiu altura alguma à qual não tivesse sido alçada por este Palácio e pelo vosso unido consenso: meu avô Cosimo não voltou do exílio por meio das armas e da violência, mas por vosso consenso e vossa união; [...] minha casa não poderia ter governado esta república, se vós, com ela, não a tivésseis governado e ainda não a governásseis [...]. Mas suponhamos que as injúrias cometidas por nós contra eles tenham sido grandes e que tivesse razões para desejar nossa ruína: por que que teriam atacado este Palácio? Por que aliar-se ao papa e ao rei [de Nápoles] contra a liberdade desta república? [...] o papa e o rei, abraçando a sua causa, vêm armados ao nosso encontro: afirmam que travam essa guerra contra mim e a minha casa. Prouvera a Deus que fosse verdade, porque os remédios seriam prontos e certos, pois eu

não seria tão mau cidadão a ponto de dar mais apreço à minha salvação do que aos vossos perigos.¹²¹

Lorenzo ressalta que o irmão fora assassinado por amigos. Os Senhores são as verdadeiras vítimas do ataque dos Pazzi, pois ainda detêm a autoridade republicana, compartilhada com os Medici de modo legítimo, consensual e voluntário. Conforme demonstram os exemplos históricos, tal família ascendeu por agir liberal, humana e generosamente; por isso, o orador se dispõe a arriscar-se pela liberdade da pátria, enquanto seus adversários objetivam (no passado e no presente) tomá-la por ambição. Somada à conjuração dos Pazzi e às ações de Dietsalvi contra Piero, a oração de Lorenzo mostra que o facciosismo é prejudicial inclusive aos seus promotores, pois os partidários se voltam contra eles. Como aponta Namejy, desde a morte de Cosimo, os conflitos são produto de rivalidades internas à facção dos Medici, uma consequência dos modos privados que levaram à ascensão dessa família.¹²²

Deste modo, similarmente à historiografia antiga, as falas da *História de Florença* cumprem diversas funções, principalmente exibir as diferenças de motivação e de caráter entre os oradores, fazer uma reflexão abstrata sobre um cenário político específico e relevar preocupações do autor com o seu tempo. No caso maquiaveliano, a situação é de liberdade reduzida sob o governo e o patronato dos Medici. O secretário recorre a vários instrumentos para dissimular referências à sua condição do presente, como glorificar os adversários dos Medici quatrocentistas ou atribuir a eles palavras aplicáveis ao próprio contexto. Alguns personagens também servem de porta-voz para ilustrar a ambição dessa família no século XV; destaque Niccolò da Uzano, Neri de Gino Capponi e Rinaldo degli Albizzi, embora este último não seja tão louvável quanto os outros. Portanto, as elocuições provam que Maquiavel não adula, pois os elogios à Giovanni e a seu filho são acompanhados de críticas ao envolvimento deles com as facções. Suas virtudes – liberalidade, prudência, humani-

121 MAQUIAVEL, Nicolau. *História de Florença...* Op. cit., p. 486-507.

122 NAMEJY, John M. Machiavelli and the Medici... Op. cit., p. 572.

dade etc. –, inclusive, foram centrais para a ruína da república, transformada em principado. Cosimo foi ainda mais prejudicial à liberdade florentina que seu pai, por ser mais aberto às vias privadas e extraordinárias e a conquistar amigos mediante favores. Essa política de alimentar os partidos se voltou contra seu estimulador, afetando Piero e Lorenzo; mesmo assim, estes se tornaram príncipes de Florença. Logo, somado à retórica epidíctica, o gênero deliberativo também se faz presente nas orações, que oferecem ensinamentos relativos às causas das divisões geradas pelo facciosismo e a como evitá-las.

Conclusão

A crítica de Maquiavel a seus antecessores no Proêmio da *História de Florença* não representa uma rejeição da historiografia humanista, mas sim duas outras atitudes. Em primeiro lugar, trata-se de uma desaprovação da abordagem que Bruni e Poggio empreenderam a respeito da discórdia civil. Para amparar seu foco mais aprofundado nas inimizades internas, o autor mobiliza os mesmos preceitos (da retórica) operados pelos historiadores antigos e recuperados no Renascimento. As divisões florentinas são episódios dignos de narração detalhada por serem verdadeiras, grandiosas, memoráveis, prazerosas e úteis. A explicação de suas causas nos instrui e nos move a evitar os conflitos facciosos. Além desse aspecto deliberativo, a obra emprega elementos do gênero epidíctico, como a censura ao facciosismo e a elogio aos Medici, embora nela não encontramos louvores à liberdade republicana de Florença.

Em segundo lugar, a crítica maquiaveliana faz parte de uma preocupação em levar os leitores a reconhecerem a autoridade da narrativa, mas sem negar a credibilidade dos predecessores. Assim como os retores teorizaram e os historiadores antigos praticaram, Maquiavel mobiliza a técnica retórica do *éthos* nas passagens introdutórias da *Istorie*. Ele alega ser um autor talentoso e verdadeiro, que não teme censurar, porém, tece elogios adequados, não limitados por inveja ou exagerados por adulação. Esta e outras características da *persona* apresentada no Proêmio e na Dedicac-

tória são perceptíveis nos discursos dos personagens históricos. Tais reivindicações provavelmente foram selecionadas com base na condição maquiaveliana sob o principado e o patronato dos Medici.

Seguindo os historiadores antigos e humanistas, Maquiavel inclui em seu livro orações inseridas na narrativa para cumprir papéis específicos. Na *História de Florença*, os discursos dos Livros IV-VIII exercem duas funções particularmente importantes: 1) dissimular referências às preocupações do autor com sua condição sob os Medici do presente e 2) condenar a ambição dos Medici quatrocentistas, ensinando como eles alimentaram o facciosismo e transformaram a pátria num principado. O caminho pelo qual essa família ascendeu ao poder florentino e fomentou os conflitos internos une-se às virtudes individuais. Portanto, o secretário entrelaça elogio e censura, e vincula tais elementos epidícticos ao gênero deliberativo.

Podemos concluir que Maquiavel compôs a *História de Florença* mediante seus diálogos com os retores e historiadores do mundo clássico. Entretanto, esse caráter convencional, além de excluir a tese da ruptura com os modelos historiográficos greco-romano e humanista, não implica uma cópia dos princípios já estabelecidos. O secretário, conforme o conceito de *mimesis*, aplica os preceitos canônicos criativamente, deixando suas marcas pessoais dentro de uma tradição. Procurei enfatizar, ao longo da monografia, que as peculiaridades da historiografia maquiaveliana são, de certo modo, provenientes da relação entre o autor e os Medici. Essa conexão é essencial para compreendermos as maneiras específicas pelas quais ele constrói seu *éthos* e insere a *História de Florença* no ponto de contato entre a retórica deliberativa e a retórica epidíctica.

Referências:

ALBANESE, Gabriella. A descoberta dos historiadores antigos no Humanismo e o nascimento da historiografia moderna: Valla, Facio e Pontano na corte napolitana dos reis de Aragão. In.: PIRES, Francisco Murari (org.). *Antigos e modernos: diálogos sobre a (escrita da) história*. São Paulo: Alameda, 2009.

ALÚSTIO. *A conjuração de Catalina*. Trad. Adriano Scatolin. São Paulo: Hedra, 2018.

ARANOVICH, Patrícia Fontoura. *História e política em Maquiavel*. São Paulo: Discurso editorial, 2007.

ARENDT, Hannah. O conceito de história - antigo e moderno. In.: ARENDT, Hannah. *Entre o Passado e o Futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2016.

ARISTÓTELES. *Retórica*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

Autor desconhecido. *Retórica a Herênio*. Trad. Adriana Seabra, Ana Paula Celestino Faria. São Paulo, Hedra, 2005.

BRUNI, Leonardo. *History of the Florentine people*. v. 1. Trad. e edit. James Hankins. Cambridge: Harvard University Press, 2001.

CÍCERO, M. T. *Do orador*. Tradução de Adriano Scatolin. São Paulo: USP. Tese em Letras Clássicas, 2009.

GILBERT, Felix. *Machiavelli and Guicciardini: politics and history in sixteenth-century Florence*. Princeton: Princeton University Press, 1965.

GRAFTON, Anthony. *What was history?: the art of history in early modern Europe*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

HARTOG, François. *Evidência da história: o que os historiadores veem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

LAIRD, Andrew. The rhetoric of Roman historiography. In.: FELDHERR, Andrew (ed.). *The Cambridge companion to the Roman historians*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

LIDEEL, Henry George; SCOTT, Robert. *A Greek-English Lexicon*. Oxford: Oxford University Press, 1996.

LÍVIO, Tito. *História de Roma*. Trad. Paulo Matos Peixoto. São Paulo: Paumape, 1989.

LUCIANO. *Como se deve escrever a história*. Trad. Jacyntho L. Brandão. Belo Horizonte: Tessitura, 2009.

MAQUIAVEL, Nicolau. *Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio*. Trad. Sérgio Bath. Brasília: Ed. UnB, 1994.

MAQUIAVEL, Nicolau. *História de Florença*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

MARINCOLA, John. *Authority and tradition in ancient historiography*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

MARQUES, Juliana Bastos. Mecanismos de legitimidade e tradição na historiografia latina. *História Revista*, v. 13, n. 1, p. 139-155, 2008.

MÉNISSIER, Thierry. *Vocabulário de Maquiavel*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

MOMIGLIANO, Arnaldo. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. São Paulo: Unesp, 2019.

NAMEJY, John M. Machiavelli and the Medici: The Lessons of Florentine History. *Reinassance Quaterly*, v. 35, n. 4, 1982.

PIRES, Francisco Murari. A retórica do método (Tucídides 1.22 e II.35). *Revista de História*, n. 138, p. 9-16, 1998.

PONTANO, Giovanni. *Dialogues*. v. II. Trad. e edit. Julia Haig Gaisser. Cambridge: Harvard University Press, 2020.

QUINTILIANO, Marcos Fábio. *Instituição oratória*. Tradução de Bruno Fregni Basseto. Campinas: Unicamp, 2015 (Tomos I e II) e 2016 (Tomos III e IV).

SKINNER, Quentin. *Maquiavel*. Porto Alegre: L&PM, 2010.


TACITUS. *The Annals*. Trad. A.J Woodman. Indianápolis/Cam-

bridge: Hackett, 2004.

TEIXEIRA, Felipe Charbel. *Timoneiros: retórica, prudência e história em Maquiavel e Guicciardini*. Campinas: Ed. Unicamp, 2010.

TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001.

VIROLI, Maurizio. The power of words. In.: VIROLI, Maurizio. *Machiavelli*. Oxford: Oxford University Press, 1998.

 (27) 99648-6399

 facebook.com/EditoraMilfontes

 @espacomilfontes

Conheça mais sobre a Editora Milfontes.
Acesse nosso site e descubra as novidades que preparamos para Você.
Editora Milfontes, a cada livro uma nova descoberta!



Este impresso foi composto utilizando-se as famílias tipográficas
Cormorant Garamond e Minion Pro.

É permitida a reprodução parcial desta obra, desde que citada
a fonte e que não seja para qualquer fim comercial.



MILFONTES